

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE MESTRADO INTERINSTITUCIONAL -
CAPES/UFSC-UFMT

O DISCURSO E A PRÁTICA DE ESCOLARES NA PRESERVAÇÃO
AMBIENTAL E SUA RELAÇÃO COM
SAÚDE-DOENÇA

MARLENE GONÇALVES DE OLIVEIRA

CUIABÁ, JANEIRO DE 1999.

MARLENE GONÇALVES DE OLIVEIRA

O DISCURSO E A PRÁTICA DE ESCOLARES NA
PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E SUA RELAÇÃO COM O
PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Dissertação de mestrado apresentada ao
Curso de Pós Graduação em Assistência de
Enfermagem da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito a obtenção
do Grau de Mestre

Orientadora Dr^a. Mágda Rojas Yoshioca

CUIABÁ - MT
1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE MESTRADO INTERINSTITUCIONAL -
CAPES/UFSC-UFMT

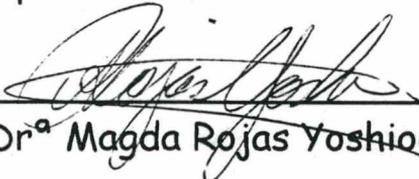
DISSERTAÇÃO:

" O DISCURSO E A PRÁTICA DE ESCOLARES NA
PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E SUA RELAÇÃO COM
SAÚDE/DOENÇA "

Por MARLENE GONÇALVES DE OLIVEIRA

SUBMETIDA À BANCA EXAMINADORA
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Aprovada em 09 de fevereiro de 1999,
pelos MEMBROS DA BANCA:



Prof^a Dr^a Magda Rojas Yoshioka (presidente)

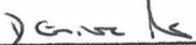


Prof^a Dr^a Olga Eidt (membro)



Prof^a Dr^a Zuleica Maria Patrício (membro)

UFSC - Curso de Pós-Graduação
em Enfermagem



Prof^a. Dra. Denise E. Pires de Pires
Coordenadora

DEDICATÓRIA

Ao Pedro Henrique,
Felipe,
André,
Aos personagens deste estudo,
Zetti,
Ronaldo,
Ronaldinho,
Amanda,
Angélica,
Romário,
Bebeto,



Pela esperança no hoje, amanhã e por dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para o trabalho, em especial à UFMT, FEN e UFSC pela oportunidade de crescimento profissional,

À Prof. Suely, Diretora da FEN, pelo apoio institucional e pessoal;

À Prof. Celina, ex Diretora da FEN, por trazer o mestrado interinstitucional, permitindo-nos uma oportunidade ímpar, demonstrando mais que um compromisso administrativo, uma amizade;

À Dra. Flávia, Coordenadora do Núcleo de Pós Graduação da UFMT, pela dedicação ao curso e pelo incentivo;

À Neuma, amiga e chefe do Departamento de Enfermagem Materno - Infantil;

Às colegas do Departamento que contribuíram, assumindo a sobrecarga de atividades, Cida Vieira, Áurea, Sueli e Norma,

Às minhas amigas do Mestrado, Alice, Aldenan, Majoreth, Rose, Ana, Cida, Nelice, Janete, Joceli e Rosa, pelos belos momentos vividos juntas;

À minha amiga Solange, companheira de muitas ideologias filosóficas, pelo mais que expressivo apoio, pela amizade e carinho;

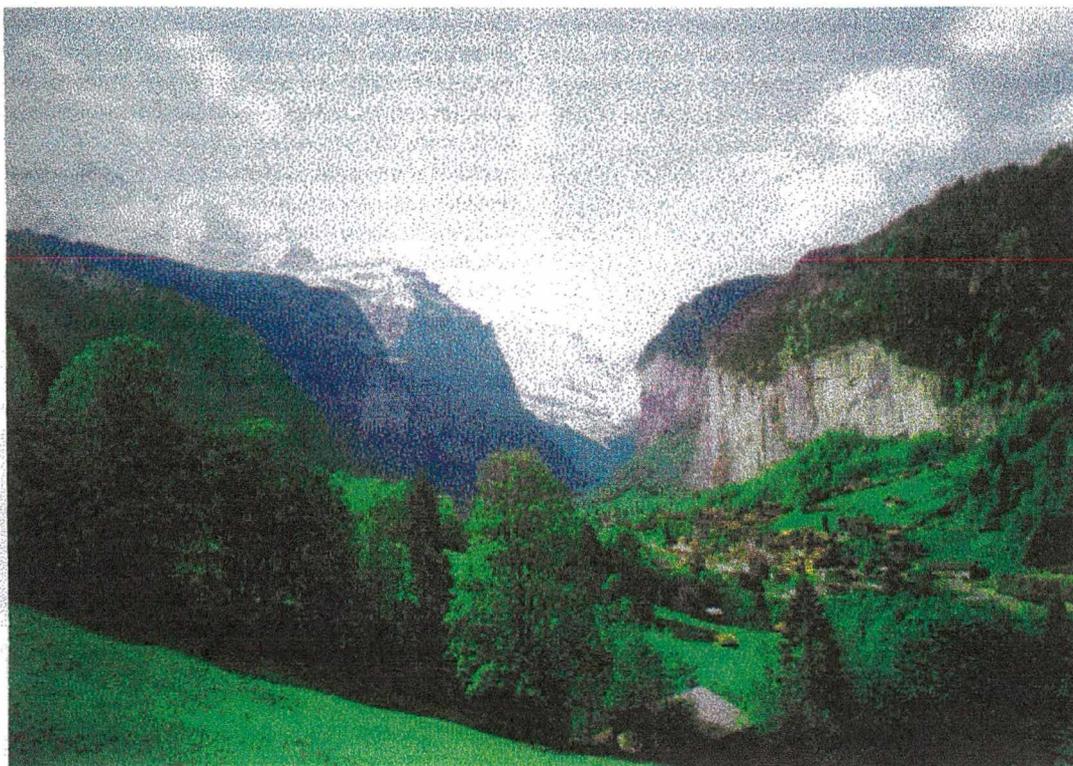
À minha amiga Zuca pela compreensão, incentivo, e também por ser, uma das belas flores que encontramos em Floripa;

À Orientadora Dra. Márgda, pela paciência e pelo apreço;

À colega, companheira e amiga de velhas jornadas Edir;

À minha família, pelo apoio, carinho e participação. Aos meus pais Dorival e Rosita, pela constância nos meus dias, aos meus amores André, Felipe e Pedro, por serem compreensivos pela minha ausência, e pelo estímulo constante.

Ao meu "eterno" amigo e sempre companheiro Nelson, que em dias passados incentivou-me em todos os momentos que estivemos juntos, minha eterna gratidão.



A ecologia não trata apenas das questões ligadas ao verde ou às espécies em extinção.

A ecologia significa um novo paradigma, quer dizer, uma forma de organizar o conjunto de relações dos seres humanos entre si, com a natureza e com o seu sentido neste universo ...

Hoje não apenas os pobres devem ser libertados, mas também a terra deve ser libertada do cativeiro de um tipo de desenvolvimento que lhe nega a dignidade, dilapida seus recursos e quebra o equilíbrio costurado em milhões de anos de trabalho.

LEONARDO BOFF (1995)

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com escolares moradores de um bairro periférico da Cidade de Cuiabá-MT, no período de abril a julho de 1998. Teve como objetivo a compreensão do discurso e da prática desses escolares na preservação ambiental, e sua relação com saúde-doença. Foi utilizada a pesquisa qualitativa, e empregados as técnicas de oficina, com entrevistas e visitas domiciliares. O referencial teórico que subsidiou a discussão dos dados foi o holístico-ecológico. Os resultados demonstraram que os escolares e seus familiares, em geral, possuem práticas de preservação ambiental e seu discurso é coerente com elas. Reconhecem as práticas como importantes para o seu processo de vida e para sua saúde.

ABSTRACT

This study has been developed with students residing in a neighborhood in the outskirts of the city of Cuiabá, State of Mato Grosso (Brazil), during the period of April to June 1998. It aimed to understand the discourse and the practice of such students in environmental preservation and its relation with health-disease. A qualitative research was utilized, with the employment of workshop techniques, including interviews and home visits. The theoretic referential that subsidized the discussion of data was the holistic-environmental one. The results showed that the students and their families, in general, have practices of environmental preservation and that their discourse is coherent with the same. They recognize such practices as being important for life process and their health.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	01
2 - REFERENCIAL TEÓRICO:	
2.1 Meio ambiente	05
2.2 Educação Ambiental	07
2.3 Saúde-doença e ambiente	10
2.4 Enfermagem e ambiente	13
2.5 Paradigma sanitário e o holístico-ecológico	15
3 CONHECENDO E COMPREENDENDO	21
3.1 MOMENTO 1 : Oficina sobre saúde-doença e ambiente	29
3.2 MOMENTO 2 : Oficina: Reflexão sobre saúde-doença e ambiente	34
3.3 MOMENTO 3 : Procurando conhecer a comunidade estudada	35
3.4 MOMENTO 4 : Eles têm consciência da relação saúde- doença e ambiente	53
4 - RELEXÕES FINAIS-	61
5 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	
6 - ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

As atividades desenvolvidas, há algum tempo enquanto profissional de enfermagem em pediatria clínica de um Hospital Universitário e nos Ambulatórios das Unidades Sanitárias de Cuiabá, junto a outros profissionais tiveram e têm por finalidade recuperar a saúde infantil.

No decorrer dessa prática profissional, um fato que nos preocupou muito foi a reinternação pediátrica e o retorno ambulatorial das crianças devido recidiva de processos patológicos. Isso gerou certos questionamentos, como: Quais as chances de melhoria na qualidade de vida das crianças por nós atendidas? Quais os fatores que interferiam no seu processo saúde-doença? O que poderíamos fazer para minimizar suas condições atuais de vida?

As crianças atendidas no Hospital e ambulatórios são procedentes, em sua maioria, dos bairros da periferia da cidade. Constatamos que grande parte desses bairros não dispõe de infra-estrutura sanitária adequada, como canalização da rede de esgoto, distribuição de água tratada e coleta regular do resíduo sólido (lixo doméstico). No nosso entender estes são fatores mínimos que contribuem tanto para a preservação e conservação de áreas físicas do meio ambiente como para a boa qualidade de vida.

Assim, durante o atendimento das crianças, em que a mesma geralmente era acompanhada pela mãe e ou responsável, transmitimos informações sobre o processo saúde-doença, na intenção de promover a saúde e melhorar as condições de vida de seu filho, levando em consideração as condições de vida e a necessidade de minimizar seus efeitos. No entanto, constatamos que o mero repasse de informações não

garante mudanças nas ações/attitudes da criança e para com a criança, visto que inúmeras delas reinternam por reagudização ou recidiva do processo patológico.

As experiências educativas positivas, eram aquelas que se relacionava aos cuidados que se deve ter para com a criança doente e as possíveis causas da doença que a acometia no momento, buscando a participação do familiar ou responsável no "diálogo informativo" e, conduzindo-o á reflexão das situações concretamente vividas. Dessa forma, assim como Freire (1980), traduzíamos a educação como um ato de conhecimento, que se dá com a aproximação crítica da realidade.

Além dessas atividades assistenciais e educativas realizadas, houve oportunidade de trabalho junto a uma equipe multidisciplinar, destinado a diagnosticar, em um determinado bairro, as condições do meio ambiente que repercutiam na saúde de pessoas da comunidade. Nesse trabalho, aconteceu o despertar para a questão do meio ambiente, mais especificamente pela necessidade de sua preservação, identificando a importância de práticas educativas apropriadas para enfrentamento de questões como as percebidas nos espaços acima referidos. Sob o olhar direcionado á infância e ao ambiente percebemos que as crianças podem ser as primeiras vítimas da depredação ambiental que, aliada às condições sócio-econômica, acaba por gerar o comprometimentos da saúde infantil.

Creemos que mais tarde, enquanto seres humanos, essas crianças vão constituir família e ocupar espaços físicos para sobreviverem; não cuidando deles, ao continuarem com as mesmas attitudes, práticas e crenças existentes na comunidade em que viveram, perpetua a má qualidade de vida. Apesar de receberem algumas orientações sobre práticas de preservação ambiental na escola ou através de meios de comunicação, as crianças contribuem para o processo de destruição do próprio meio em que vivem, colaborando para a precariedade da higiene ambiental que influencia a qualidade de suas vidas. As crianças reproduzem, em grande parte, as posturas e práticas frente ao ambiente compartilhadas pelos grupos com os quais convivem.

Em estudo anterior conduzido por Oliveira (1997), realizado com escolares de bairros periféricos de Cuiabá, que recebiam informações sobre Educação Ambiental, identificamos que as crianças não se percebiam como pessoas que colaboravam para a degradação do meio ambiente. Havia conflitos entre o discurso e as suas ações, pois ao mesmo tempo em que os conteúdos referente à Educação Ambiental estavam presentes em suas falas, ao relatarem a importância de preservar a natureza, práticas coerentes não figuravam na sua comunidade. Neste mesmo estudo, outros dois achados chamaram nossa atenção; primeiro, que embora as crianças gostassem da natureza, ela era percebida como algo muito distante deles; segundo, que viam o processo saúde-doença relacionado com a preservação do meio onde vivem.

Então, a partir de dessas vivências e reflexões iniciais surgiram alguns questionamentos:

Quais as práticas de conservação do ambiente que são reconhecidas pelas crianças de bairros periféricos, como importantes para a manutenção de sua saúde?

Como elas participam dessas práticas?

Que fatores estariam agindo para que as crianças sintam-se ou não, ajam ou não, de modo responsável pela a conservação da natureza?

Tentando obter respostas a esses questionamentos, partindo de uma perspectiva que considera que a forma como as crianças vêem e vivem as questões ambientais em sua comunidade concorre para uma relação positiva ou não entre saúde e ambiente, pretendemos, neste estudo, compreender o discurso e a prática de escolares de um determinado bairro periférico sobre a relação saúde-doença e ambiente. Mais especificamente, os objetivos desse estudo são: identificar as percepções dos escolares acerca da importância da preservação ambiental para sua vida e saúde; apreender a coerência entre o discurso e a prática de escolares frente à preservação ambiental e apontar prováveis fatores que interferem em seus conhecimentos e práticas.

Dessa maneira, definimos como objeto de estudo os conhecimentos e as práticas de escolares, moradores do Bairro Jardim Centro-América, município de Cuiabá, Mato Grosso, frente ao ambiente e sua relação com a saúde. Partindo da compreensão de que o cuidar em enfermagem, numa perspectiva de integralidade, deve levar em consideração o contexto ambiental. Assim esta práxis vem inserir no paradigma emergente, onde procura assistir o ser humano de forma integral e integrada, considerando as várias dimensões humanas e suas relações e interações com os elementos da natureza (Silva, 1997).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Meio Ambiente

O termo ambiente é definido como: ambiente (do latim ambiente) “tudo que envolve os seres vivos por todos os lados” (Ferreira 1989). Dentro dessa definição ampla vemos que o termo tem sido utilizado por muitos, como sinônimo de ecologia. Porém ecologia foi definida mais especificamente, segundo Peters, (1974) a origem vem da palavra grega oikos (casa). Essa palavra tem uma variação: em primeira instância, opera no ambiente de cada um (ética – ethos); seguido, do sentido da família (economia – oikos), da sociedade e da cidade (política – polis); para finalmente terminar no amor da raça humana (mundo – kosmos), proporcionando o fundamento para a ética social que está baseada mais na natureza do que na convenção.

O ambiente que nos referimos, é o natural, que é visto sob vários ângulos. Numa dimensão mais próxima, pode ser um lugar para se viver, para conhecer e aprender, ou seja é o ambiente do cotidiano, caracterizado pelos seres humanos nos seus aspectos históricos, sócio-culturais e tecnológicos (Sato, 1997). Envolve o homem e suas relações com os elementos naturais como sol, ar, água e terra.

Assim sendo, aprendermos a apreciar e a desenvolver o senso de pertencer é imperativo. Também, o cuidar desse espaço imediato de vivência onde vivem juntos os seres animados e inanimados para alcançar a consciência do ambiente como biosfera. Este espaço é denominado de “espaço-nave, a terra-pátria” por Morin (1993), e de organismo regulador chamado de “Gaia” por Lovewlock, (1991). Este ambiente é o objeto da

consciência planetária e chegamos até ele através do ambiente imediato de vivências.

O termo "ambiente", também, nos remete a novos pensamentos e a um novo paradigma. Este paradigma vem surgindo neste final de século, é inspirado na visão sistêmica de mundo. Nele o universo é considerado um sistema vivo e não uma máquina. Nesta era paradigmática, não há uma estrutura conceptual bem estruturada, as formas de pensamentos estão se estabelecendo de acordo com os novos princípios que o homem quer elaborar para sua vida. O que de certa forma é benéfico, pois as bases conceituais vão se formando aos poucos (Capra, 1994).

(...) Essa visão, transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições. Não existe no presente momento, uma estrutura bem estabelecida, conceitual ou institucional, que acomode a formulação do novo paradigma, mas as linhas mestras de tal estrutura já estão sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que estão desenvolvendo novas formas de pensamentos e que se estabelecem de acordo com novos princípios (Capra, 1994, p.259)

Assim em comum acordo com o autor, não podemos nos referir a um quadro conceptual de ambiente mais elaborado, pois como no novo paradigma o termo ambiente está sob forte influência de muitos pensamentos e as suas aspirações estão simplesmente semi-estruturadas. Dentre todas as aspirações já emitidas, o que podemos perceber claramente, é que o homem busca um processo de vida, sob o ponto de vista ambiental, mais saudável.

Este processo de viver saudável remete ao campo da subjetividade; podemos dizer que ele se relaciona a um sentir-se bem. Esta dimensão não se quantifica ou se define, entendendo saúde como o simples fato de sentir-se saudável (Capra, 1994). E ambiente saudável lembra um ambiente equilibrado, usado de forma racional, onde se respeita os princípios naturais.

De acordo com isso e dentro do conceito sistêmico de vida, cremos assim como Capra (1994) que ambiente e processo de vida saudável

subentende atividades e mudanças contínuas, e reflete a resposta criativa do organismo aos desafios ambientais. Esses desafios se referem tanto aos provocados pelos fenômenos naturais como os provocados pelo homem dentro do processo de desenvolvimento. A condição de uma pessoa depende sempre de seu meio, que pode ser o natural como o social e ambos são partes de um todo, ou seja dentro do mundo sistêmico.

O processo de desenvolvimento insere na humanidade, e trás em sua história as aspirações que o homem busca. Para ele a vida se constitui em proporcionar para si um prolongamento ou seja viver mais e atualmente com mais qualidade (Rodrigues et al, 1992). Buscar a qualidade para si não se pode mais aceitar, há de se considerar que nos encontramos na “espaço-nave” e que para isso temos que respeitar seu princípio de funcionamento. Navegar nesta “nave” ignorando seu funcionamento significa ignorar a própria vida.

Assim, buscar a consciência de que se deseja, ou que se necessita de alguns cuidados para com o ambiente, seja ele o mais próximo, já estaria contemplando a “espaço-nave”. Esses cuidados vem sendo discutidos e articulados pelas ciências através da área de conhecimento recente: a Educação Ambiental.

2.2 Educação Ambiental

A preocupação com a deterioração do meio ambiente causada pelo homem é discutida em nível mundial e teve seu início na Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre meio ambiente, realizada em 1972, na cidade de Estocolmo. Nessa ocasião foi discutida a questão da educação para a preservação do meio ambiente, que acabou gerando uma área de conhecimento específico - a Educação Ambiental (Lima, 1984).

Em 1975, aconteceu em Belgrado o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental, onde Lima (1984) comenta que na carta de Belgrado estão explicitadas as metas e os objetivos da Educação Ambiental, onde o

princípio básico é a atenção com o meio natural e artificial, considerando os fatores ecológicos, políticos, sociais, culturais e estéticos. Esta carta determina também que a educação deve ser contínua, multidisciplinar, integrada dentro das diferenças regionais, voltada para os interesses nacionais e centrada no questionamento sobre o tipo de desenvolvimento. Tem como meta prioritária a formação nos indivíduos de uma consciência coletiva, capaz de discernir a importância ambiental na preservação da espécie humana e, sobretudo, estimular um comportamento cooperativo nos diferentes níveis das relações inter e intranações (Guimarães, 1994).

Para trabalhar o ambiente imediato, sofrido e mal conservado, temos buscado junto às idéias da Educação Ambiental nosso aparato, pois ela trabalha o ser e seu modo de viver e reflete o processo de vida na atualidade. Procurando resgatar valores que resultem em bem estar, utilizando-se da ciência e da sensibilidade, é bem retratado no relatório do seminário de Tbilisi¹, que a define,

(...) um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as interações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida (Lima, 1984, p. 24).

A definição trabalhada em Tbilisi é a mais aceita junto aos autores que estudam a Educação Ambiental. Porém entre os educadores ambientais constatamos que , ainda não se dispõe de conceituação elaborada, por inexistir um consenso mínimo sobre a mesma, e o que ela vem a ser (Grün, 1996).

Todavia podemos entendê-la como um elemento do novo contexto paradigmático, onde se busca inserir na sociedade uma consciência de respeito ao meio ambiente, a fim de preservar o viver do homem de forma mais saudável. Dentro dessa perspectiva holística, a Educação Ambiental

tem uma intencionalidade, que é gerar novos vínculos com o ambiente imediato, seja ele natural, construído, espacial ou temporal, através de uma ética particular (Sato, 1997).

Remontando o passado histórico filosófico, podemos perceber que já fomos mergulhados em ideais onde a natureza era algo de valor para o nosso viver: "... a idéia aristotélica de natureza como algo animado e vivo na qual as espécies procuram realizar seus fins naturais" (Grün, 1996, p. 27). Esta, foi substituída pelo pensamento científico moderno, em que a natureza não foi contemplada como importante. Substituímos o primeiro pelo segundo. Deixamos de valorizar os pensamentos de respeito à natureza, e adentramos nossos pensamentos para o antropocentrismo. Por força de um processo científico, deixamos de lado tudo isso e passamos a compartilhar valores que hoje contestamos.

Contudo podemos dizer que esses valores não foram perdidos, acreditamos que eles podem estar no nível mais imediato da consciência e que, muitas vezes, encontram-se reprimidos, recalcados através de um longo processo histórico (Grün, 1996). Diante do paradigma emergente, onde valorizamos não só o íntimo e pessoal mas também o todo, podemos buscar compreender e reapropriar valores, referentes ao pensamento respeitoso para com a natureza. Parafraseando Grün (1996) remontarmos ao passado com os olhos no presente, a fim de aprimorar nosso viver, seria insustentável, se não revermos certos valores culturais (Grün, 1996, Sabroza & Leal, 1992, Vieira & Maimon, 1993).

Entendemos, assim como Leininger (1993), que valores culturais derivam-se da cultura e identificam maneiras desejáveis de ação e conhecimento. E cultura como sendo os valores, as crenças, as normas e as práticas de vida de um determinado grupo, que orientam o pensamento, as decisões e as ações de maneiras padronizadas. É, ainda,

¹ Tbilisi – Geórgia, foi a sede do Seminário de Educação Ambiental, realizado em 1977, ocasião em que se elaborou essa definição.

(...) um processo permanente pelo qual os homens orientam e dão significado à suas ações, cuja dinamicidade ocorre a partir das reorganizações das representações da prática social. (Patrício, 1990, p. 69).

E é nesse limiar, onde as idéias estão sendo trabalhadas e reorganizadas, que a prática social está sendo questionada. A Educação Ambiental vem trazendo à discussão esses valores, a fim de recuperar e reapropriá-los aos dias atuais (Grün, 1996).

A Educação Ambiental almeja novas atitudes nos sujeitos sociais e novas decisões dos órgãos administrativos, gerados pelos princípios da sustentabilidade ecológica, da valorização da diversidade cultural, através da racionalidade econômica e do planejamento do desenvolvimento (Sato, 1997).

Dentro deste processo, a enfermagem, enquanto prestadora de cuidados, intervir junto ao homem, em particular junto aos escolares, para cuidar de seus valores culturais, com a preocupação de reapropriá-los aos pensamentos atuais, vem envolvendo o pensamento respeitoso à natureza. Segundo Patrício (1996), enfermagem é a ciência, a tradição, a filosofia e a arte de cultivar a vida através do cuidado. E cultivar a vida através do cuidar de valores, reporta-nos a essência de um viver saudável.

2.3 Saúde-Doença e Ambiente

Detectamos que o termo saúde-doença e ambiente vem sendo cogitado desde a antigüidade. Segundo os escritos hipocráticos, a saúde requer um estado de equilíbrio entre influências ambientais, modos de vida e os vários componentes da natureza humana. Estes são descritos como sendo os humores e as paixões, que estariam relacionados ao equilíbrio dos sentimentos de bem-estar e prazer. Hipócrates já dizia que o bem estar dos indivíduos era influenciado pelos fatores ambientais, como a qualidade do ar, da água e dos alimentos, a topografia da terra e os modos de vida (Capra, 1994).

Ao buscar compreender saúde dentro do novo contexto paradigmático, ou seja dentro de uma visão sistêmica de vida, no qual leva-se em consideração o homem e a natureza, conceituamos saúde, assim como Sabroza et al (1992) como um projeto de superação das condições atuais de cada um, no esforço da vida de aprender durante o processo permanente de recriação. Este conceito nos remete a pensar em saúde dentro de um todo, contudo sem perder de vista o ambiente imediato de cada um. Grün (1996) acredita que se deve recuperar e reapropriar certos valores adormecidos do passado onde, nas idéias filosóficas, a natureza era organismo vivo e não uma máquina. Assumindo assim uma postura de reconquistar os valores voltados para o ambiente natural.

Atualmente, vemos que o homem ainda vive com pensamento voltado para natureza enquanto máquina (domínio do antropocentrismo), e não se despiu dele (Grün, 1996). Isto o levou a ter uma visão obscurecida do "todo", prejudicando a visão panorâmica de pertencer ao todo, o que acabou gerando a depreciação do ambiente pelo seu usufruto, centrado na urbanização acelerada, desqualificando-o ao viver sem a preocupação de preservá-lo.

Embora a natureza tenha sido a causa do desafio do homem frente a ele mesmo, onde buscou dominá-la, considerando-a sem vida e mecânica, abandonou-se a concepção organísmica da natureza em prol da concepção mecanicista, (Grün, 1996)

(...) A natureza de cores, tamanhos, sons, cheiros e toques é substituída por um mundo "sem qualidades". Um mundo que evita a associação com a sensibilidade". (Grün, 1996).

Desta forma vemos que o ambiente natural e saúde estão no mesmo papel insigne da vida do ser humano e estão sempre acomodando-se aos estilos de vida do homem.

Atualmente os estilos de vida estão pautados em modelos econômicos ou seja saúde-doença e ambiente, vinculam-se ao desenvolvimento econômico; revelando um panorama de que o homem, conduzido por

modelos econômicos, passou a valorizar o artificial ao invés do natural (Giddens, 1996).

Mas, o desenvolvimento visto como processo de incorporação sistemática de conhecimentos, técnicas e recursos na construção do crescimento qualitativo e quantitativo das sociedades organizadas, tem sido reconhecido como ferramenta eficaz para a obtenção de uma vida melhor e mais duradoura (Banco Mundial, 1991). Não temos dúvida que esse processo favorece ao homem, contudo não podemos deixar de reconhecer que muitas vezes ele:

(...) pode desencadear contra o objetivo comum, quando se baseia em valores, premissas e processos que interferem negativamente nos ecossistemas e, em consequência, na saúde individual e coletiva (Rodrigues et al, 1992).

Creemos ainda que,

A ecotoxicidade, da mesma forma que outros "males" revelados pela modernização reflexiva, tem seus próprios pontos positivos, suas próprias utopias. Considerando sob um signo positivo, ela sugere que os cuidados com o self e com o corpo poderiam ser integrados, e talvez deveriam ser integrados aos programas de renovação ambiental. "Como viveremos?" essa pergunta não pode mais ser respondida em termos de controle de risco externos, ou deixada para os elementos remanescentes da tradição. Enfrentá-la significa deliberar, de uma forma aberta e pública, de que maneira a restauração social e ambiental poderia estar ligada à busca de valores positivos de vida (Giddens, 1996, p. 256).

Para isso podemos buscar a temática de desenvolvimento sustentável voltado para o marco ético (Sabroza et al, 1992). A ética de um desenvolvimento está na dependência de que ele ocorra como um processo participativo, equitativo e sustentável (CEPAL, 1991), considerando o ambiente e os valores culturais do homem.

2.4 Enfermagem e Ambiente

Na enfermagem, encontramos que os trabalhos relacionados aos problemas ambientais datam do século passado, quando Nightingale(1989) reporta-se a esta questão. Em meio às guerras e ao desenvolvimento acelerado da Inglaterra vitoriana, ela já alertava sobre a importância do ambiente para a preservação da saúde. Chamava a atenção das autoridades para as responsabilidades acerca do saneamento; afirmando sempre que o homem, enquanto ser racional, deveria refletir sobre as conseqüências de ambientes danificados (pelo próprio homem) para a sua saúde.

Incentivava também as enfermeiras² a visitarem as crianças em casa, a fim de dispensar ensinamentos de higiene pessoal e ambiental. Seus pressupostos para os cuidados com doentes, sustentavam-se todos na relação ambiente-saúde (Nightingale, 1989).

A recuperação do doente envolvia os elementos da natureza, como o sol, ar puro e água potável. Para ela, a cura das enfermidades provinha do poder vital – que o homem possui – e pela adequação do que circunda o doente. Nightingale, dizia que a doença surge da resposta do organismo na busca de restauração, e o equilíbrio entre o ser humano e o meio ambiente (Nightingale,1989).

Ainda na enfermagem, temos as enfermeiras Neuman e Rogers (1993), que construíram suas teorias baseadas no inter-relacionamento do homem com o meio ambiente. Neuman, acredita que “o doente encontra-se numa troca constante e dinâmica de energia com o ambiente”(Cross, 1993, p. 276). Rogers, crê que “(...) o indivíduo e o ambiente estejam continuamente trocando matéria e energia, um com o outro (...)” (Falco e Lobo1993, p. 123). Ambas, reforçam em seus trabalhos, a relação do homem com o ambiente.

Barros (1993), em ecologia e saúde mental, busca debater o tema ambiente através da visão ecológica de ver a vida e analisa os significados

existentes nas relações de produção, dentro da história da sociedade, frente ao sistema capitalista. No contato com profissionais da enfermagem da área de saúde mental, encontrou elementos que pudessem traduzir a imagem prática e suas idéias frente às necessidades ecológicas de nosso tempo. A concepção ecológica presente entre estes profissionais, enquanto atores sociais, é ligada, quase sempre, ao perfil ambientalista, embora a prática ainda continua ancorada na norma medicalizadora das tensões individuais e na manutenção da cultura psiquiátrica vigente na saúde mental.

Não compartilhando desse meio imediato, mas buscando trabalhar o cuidado com o ser de forma voltada para seu *self*, Silva, (1997), em seu estudo teórico-filosófico, trabalha o meio através do cuidado transdimensional (em que a realidade é entendida como una, indivisível, na qual ultrapassa a noção de justaposição das multidimensões e de suas inter-relações). Espera ampliar as concepções sobre o cuidado e, através disso, contribuir para novas formas de expressão da consciência crítica, visando transformações na qualidade de vida e nas relações planetária-cósmica, ou seja o meio ambiente macro, contribuindo para o nosso campo de ação mais específico, a enfermagem. Num outro enfoque, baseado na abordagem holístico-ecológica, Patrício (1996) afirma que as atividades de enfermagem, em seus atos de cuidar, pode ser a mediadora do processo transformador para que o ser humano possa viver de forma saudável. Porque crê, assim como nós, que as enfermeiras:

... ajudando a viver, na saúde e na doença: protegem as pessoa e a natureza, auxiliam a pessoa a nascer e a ser, a se desenvolver, a reproduzir, a cria/transformar, a morrer dignamente. (Patrício, 1996, p. 55)

Desta forma a relação enfermagem e meio ambiente sempre esteve presente em nossa práxis, descrita na introdução deste estudo, quando percebemos claramente as influências ambientais sobre o processo saúde-doença das crianças assistidas tanto em hospitais como em unidades básica de saúde. Vimos neste casamento enfermagem e meio ambiente a

² Foi empregado o termo enfermeira por ser uma profissão exercida majoritariamente por mulheres.

possibilidade de minimizar os impactos ambientais sobre as vidas e saúde dessas crianças. Portanto, esta área se constitui em um campo de produção de saberes e práticas que desafia a enfermagem.

2.5 Paradigma Sanitário e o Holístico-Ecológico

Para se falar do paradigma sanitário e estabelecer relação com o holístico-ecológico, precisamos entender em que contexto ele surgiu. Neste sentido os estudos de Mendes (1994), Chioro & Scaff (1996) trazem contribuições quanto aos momentos e os motivos que levaram ao surgimento do modelo sanitário, sua evolução e a que fim ele veio.

Época	Modelo	Características
Início do século	Sanitarismo campanhista	Visão militar de combate às doenças populares, decisões centralizadas, ações repressiva sobre os corpos individuais e coletivo
Durante o Estado Novo de Getúlio Vargas	Médico-assistencial privatista	Visão de saúde hospitalocêntrica de alto custo, fortalecimento das indústrias de materiais e equipamentos médico hospitalares; divisão das ações de saúde: as pública para o estado e as de atenção médica, rentáveis, para o serviço privado. Entrou em crise no final da década de 70, juntamente com a Previdência e Assistência Social.
Na década de 80 e início de 90	Reforma sanitária	Neste momento coincide com as determinações emanadas da Conferência Mundial de Saúde de Alma Ata, que priorizavam os cuidados primários de saúde (Expansão da assistência médica a partir de um modelo de baixo custo para as populações excluídas da periferia e zona rural) que associadas às reflexões e debates promovidos pela CEBES ³ e pela ABRASCO ⁴ fortalece a implantação da municipalização da saúde; posteriormente consolidada na Constituição Brasileira de 1988 que prevê: a organização do Sistema Único de Saúde fundado nos princípios da universalidade, integralidade e participação da comunidade.
Na década de 80 e início de 90	Projeto neoliberal ocorre paralelamente ao Sanitarista	Derivada do modelo médico-assistencial, que sofreu uma "maquiagem", visa regular a oferta de serviços de saúde pelo mercado. E pelos atuais movimentos da economia e as denúncias propositais da falência dos serviços públicos de saúde, cresce o número de oferta de serviços privados conveniados.

³ CEBES Centro Brasileiro de Estudo em Saúde

⁴ ABRASCO Associação Brasileira de Saúde Coletiva.

Neste momento, sentimos a necessidade de deixar claro que tanto o Sanitarismo campanhista, o modelo Médico-assistencial privativista e o Projeto neoliberal tinham forte influência do paradigma cartesiano, onde o centro é o homem. Neste referencial teórico o ser humano é visto como máquina, ou seja as partes tem mais importância e atenção do que o todo; há a dissociação do corpo-mente, as influências de um no outro não são devidamente consideradas, são aspectos trabalhados isoladamente não sendo estabelecida as relações e inter-relações; as ações são realizadas de forma racional, sendo considerado científico tudo aquilo que pode ser efetivamente demonstrado e/ou comprovado. Então, nele não são estabelecidas relações do processo saúde-doença com o meio ambiente e sua possível degradação (Barbosa, 1995).

Por outro lado, entendemos que o modelo sanitaria possibilitou a organização do Sistema Único de Saúde (SUS); cujos princípios, principalmente a integralidade e a participação da comunidade, estão em consonância com o que prevê a Educação Ambiental com enfoque no paradigma holístico-ecológico (Brasil, 1990). A integralidade vê o indivíduo inserido e se relacionando consigo mesmo, com os outros, com o meio ambiente, enfim com o mundo. Cremos que o meio influencia o ser humano, tanto no seu processo saúde-doença como em sua vida, em especial com a qualidade de seu viver. Neste sentido a Educação Ambiental estabelece e faz uma íntima relação do ser com o seu meio, vendo-o num todo e integrado ao meio ambiente, ou seja fazendo parte indissociável deste meio. Assim, estar realizando ações de promoção, prevenção, cura e reabilitação o faz num sentido amplo, não está só restrito ao corpo ou seu espaço privado, mas se vê e se compreende como fruto emanante do meio; ou seja o meio atua sobre ele e o afeta e ele atua sobre o meio e o transforma. Tendo esta consciência, o ser necessita refletir, criticar e questionar a ação humana em relação ao planeta; que baseado no modelo sanitário, sejam buscadas as formas/attitudes que possam torná-lo mais salutar para si e para os outros.

Por outro lado, isso só é possível se estivermos atendendo e respeitando um outro princípio do SUS, a participação da comunidade. Quando participamos ativamente, nos engajando em movimentos sociais,

reivindicando, discutindo sobre determinadas situações. Fortalecemos a reflexão e deixamos de achar que só aos outros cabe a decisão, assim passamos a co-participar e sermos co-responsáveis pela nossa ação, considerando a esfera individual e a coletiva/social. Desta forma na Educação Ambiental sermos co-participes implica em estarmos agindo em comunhão/conjunto com outras pessoas/profissionais, como a enfermeira escolar, tendo como objetivo comum refletir sobre a realidade, neste estudo sobre a degradação do meio ambiente junto a escolares. Isto resulta em atitudes conscientes e eficazes sobre o processo saúde-doença deste ser; que só pode ser realizada se o indivíduo for co-responsável, ou seja tenha consciência de seus atos; e que estes devam ser assumidos voluntariamente (Oliveira, 1999).

Tendo em mente essas características do modelo sanitário e sua consonância com a Educação Ambiental, passamos a descrever melhor o paradigma holístico-ecológico, para podermos ver claramente sua interação e integração.

O modelo holístico-ecológico emergiu num momento de conflito entre vários paradigmas que estavam servindo de suporte teórico para a Educação Ambiental. Sato (1997) faz um exaustivo levantamento de todas teorias que estariam fundamentando as diversas correntes ou grupos que atuam como ambientalistas, dentre elas citamos algumas abordagens: Tradicional: o ser humano domina a natureza; Comportamentalista: o homem é “produto de um processo evolutivo de variáveis genéticas e ambientais” (Sato, 1997,p. 88); Humanista: o ser humano reconstrói o mundo a partir de suas percepções e das atribuições de seus significados; Sócio-cultural: o ser humano se vê como sujeito a partir do momento que tem conhecimento de sua historicidade e se vê como transformador através do equilíbrio do pensamento-ação; Histórico-crítica: vê o ser humano como “... um ser essencialmente social e se cria na medida em que se opõe ao mundo e o transforma” (Sato, 1997, p. 89); Cognitiva: é baseada “no ensaio e no erro, na pesquisa, na investigação, na solução de problemas e não existe uma única metodologia ... enfatiza a condição de desenvolvimento mental e da autonomia do indivíduo” (Sato, 1997,p. 89).

Neste mundo com visões diferentes, surge o paradigma holístico-ecológico que em sua essência está desenvolvendo uma nova sensibilização do ser humano para com o planeta, como um todo; emergindo novos valores, sonhos e atitudes assumidos por uma número cada vez maior de adeptos. Nele se tem uma

nova percepção da Terra, como imensa comunidade da qual somos membros. Membros responsáveis para que todos os demais membros e fatores, desde o equilíbrio energético dos solos e dos ares, passando pelos microorganismos até chegar às raças e a cada pessoa individual, possam nela conviver em harmonia e paz (Boff, 1996, p. 31).

Para que isto aconteça o autor aponta 10 características desse paradigma:

Totalidade/diversidade: o universo, o planeta Terra e seus elementos e o ser humano são totalidades orgânicas e dinâmicas, ou seja a totalidade é feita de diversidades organicamente interligadas.

Interdependência/re-ligação/autonomia-relativa: todos os seres estão interligados, um precisa do outro para existir, havendo para tal uma solidariedade cósmica, e uma relativa autonomia individual.

Relação/campos de força: todos os seres vivem numa teia de relações, devendo ser considerado como cada participa da constituição do universo.

Complexidade/interioridade: tudo vem carregado de energias em diferentes graus de intensidade e de interação. A matéria em forma de energia condensada e estabilizada, e campo energético quando menos estabilizada. Isto gera complexidade nos seres; é o fenômeno evolucionário mostrando a intencionalidade do universo, que aponta para uma interioridade, uma consciência reflexiva. Isto faz ver o universo como um todo inteligente e auto-organizante. Não se pode falar de um dentro e de um fora.

Complementaridade/reciprocidade/caos: qualquer realidade se apresenta em forma de partícula e onda, de energia e matéria, ordem e

desordem, caos e cosmos. São complementares e recíprocas, onde o princípio de complementaridade/reciprocidade encontra-se na base do dinamismo originário do universo que para chegar ao cosmo passa pelo caos.

Seta do tempo/entropia: o que existe, preexiste e coexiste. A seta do tempo registra as relações e sistemas, ocasionando-lhe o caráter irreversível. A compreensão se dá por meio de uma referência à sua história relacionai e ao percurso temporal. O percurso encontra-se aberto para o futuro e nenhum ser está pronto e acabado, apenas carregado de potências em busca de realização. A história universal cai sob a seta termodinâmica do tempo,, ou seja, deve levar em conta a entropia ao lado da evolução temporal, nos sistemas fechados (recursos limitados da terra, o tempo do sol, etc.). As energias vão se dispersando e não se pode fazer nada contra. Porém o ser humano pode interferir no âmbito de retardar seus efeitos, prolongando as condições de vida sua e do planeta.

Destino comum/pessoal: temos uma origem comum e estamos interligados, assim, o destino é comum a todos num futuro em aberto e comum. Dentro dele deve-se situar o destino pessoal, uma vez que cada ser não pode ser entendido por si mesmo, sem o ecossistema, sem a interação entre as espécies e com ele.

Bem comum cósmico/bem comum particular: bem comum é de toda a comunidade cósmica e não exclusivo do ser humano. O bem comum particular surge a partir da sintonia e sinergia dinâmica do bem comum cósmico.

Criatividade/destrutividade: o ser humano possui singularidade: é extremamente complexo e co-criativo, visto que pode interferir no ritmo da natureza. É um ser ético porque pesa os prós e os contras, age para além da lógica do próprio interesse e dos seres mais débeis. Também agride a a natureza e prejudica espécies – sua característica destrutiva.

Atitude holística- ecológica/negação do antropocentrismo: atitude de abertura e de inclusão contribui para a cosmovisão ecológica (re-ligação de

tudo); isso ajuda o ser humano a superar o antropocentrismo, propiciando-o a ser singulares e solidários, complementares e criadores, visto que o ser humano está em sinergia com o universo inteiro que avança e continua aberto a novidade rumo a uma Realidade que se esconde no misterioso campo da impossibilidade humana, até o momento o impossível acontece. Neste mesmo pensamento e tendo a necessidade de se ver o ser humano em sua totalidade, multidimensionalidade e transdimensionalidade; integrando-o ao meio ambiente, a natureza. Neste sentido a cosmologia de Silva, chamada de unitário-transformativa, serve de eco a este modelo paradigmático, porque nele o ser humano e/ ou "fenômeno representam um campo unitário e auto-organizável, imerso em um campo maior, também auto-organizável, sendo identificado por um padrão e pela interação com o todo", nela há o reconhecimento de que a consciência transcende ao espaço e tempo; atinge/influencia e sendo atingido/influenciado pelo cosmo.

3 CONHECENDO E COMPREENDENDO

Para se fazer este estudo, sobre o discurso e a prática dos escolares na preservação do seu ambiente, como condição para a saúde, deparamos com uma questão de ordem epistemológica: Qual a melhor forma de desenvolvê-lo?

Nossa intenção era a de subsidiar ações de promoção à saúde, particularmente da enfermagem, e colaborar na discussão temática da Educação Ambiental. Em resposta a tal questão e intencionalidade, encontramos na **abordagem metodológica** qualitativa o caminho estratégico ideal. Pois, segundo Minayo (1994), este tipo de pesquisa originária das ciências sociais, responde às questões mais particulares do nível da realidade que não se pode quantificar, ou seja

(...) ela trabalha com um universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a variáveis (Minayo, 1994, p. 21).

Assim, buscamos trabalhar junto a escolares do Bairro Jardim Centro-América, Cuiabá, que freqüentam a Escola Estadual de Primeiro Grau Djalma Ferreira de Souza, a fim de conhecer os seus discursos e as suas práticas na preservação ambiental. Esclarecemos que não tínhamos a pretensão de estar envolvidos, no desenvolvendo do processo educativo sobre o meio ambiente.

O **contexto** em que o estudo foi desenvolvido foi o do Bairro Jardim Centro-América; este se localiza na periferia de Cuiabá/MT. Sua organização

aconteceu sem planejamento; sua ocupação ocorreu orientada pelos próprios moradores (através de invasão). O bairro localiza-se dentro da bacia hidrográfica do córrego Gunitá, à nordeste de Cuiabá, aproximadamente a 1,5 km a nordeste do Centro Político Administrativo do Estado de Mato Grosso. A sudoeste faz limite com o bairro Morada da Serra I e II; a sudeste com o bairro Tancredo Neves; ao norte com o bairro Morada do Ouro. O bairro conta com cerca de cinco mil habitantes (dado estimado a partir do número aproximado de residências na área), e tem aproximadamente doze anos de existência.

Sua infra-estrutura é precária, o abastecimento de água é restrito a uma parte da população. Inexiste um sistema de esgoto, o que força o lançamento das águas servidas na superfície do terreno. Algumas moradias são providas de fossas, sem nenhum critério técnico. O córrego recebe esgoto de outros bairros como da Morada da Serra (I e II) e Morada do Ouro. Estes últimos possuem lagoas de tratamento de esgoto, cujas águas deveriam ser tratadas antes de serem despejadas no córrego Gunitá, porém, estas estão desativadas. Além do esgoto, o córrego recebe também detritos como lixo e entulhos. A coleta pública do lixo não atende devidamente à demanda; os moradores, em geral, depositam-no ao longo do curso d'água e ou em locais próximos, onde não há ocupação. A maioria dos moradores possui rede elétrica. O arruamento não obedece aos critérios técnicos, devido ao processo de ocupação desencadeado por invasão, inviabilizando a locomoção de veículos em determinadas partes do bairro. Não contam, também, com serviço público de atendimento à saúde (Unidade Sanitária) e nem escola pública.

A escolha do bairro foi motivada por uma atuação profissional anterior no local, que nos possibilitava penetração favorável à pesquisa, e pelas condições sócio ambientais do mesmo.

A escola selecionada vinha desenvolvendo trabalho de Educação Ambiental, através de uma organização não governamental (ONG). Esta entidade, com objetivo de preservar uma reserva ecológica próxima ao bairro em questão, envolveu professores e alunos da 5ª a 8ª série num trabalho

educativo, em que realizavam palestras e apresentavam peças teatrais e materiais áudio visuais, mostrando a importância de se preservar o ambiente.

Estes escolares selecionados não tinham sido contemplados com a participação direta no projeto de Educação Ambiental que vinha sendo desenvolvido na escola, por estarem ainda na 4ª série, acreditamos que, de alguma forma, eles tiveram acesso ao conteúdo, devido às divulgações feitas através de cartazes sobre o ambiente e sua respectiva preservação, pelas declarações pertinentes ao assunto e, ainda, pela influência exercida pela professora responsável da turma, uma vez que esta participava dos debates e palestras promovidos pelo projeto.

Participaram como **sujeitos** deste estudo sete escolares, com idade entre 10 e 12 anos. Esta amostra foi selecionada a partir dos seguintes critérios: idade; matrícula na Escola Djalma Ferreira de Souza; local de moradia e conhecimento sobre Educação Ambiental. Inicialmente localizamos doze escolares que se enquadravam nestes critérios; todos cursando a 4ª série do primeiro grau. Porém, apenas sete foram localizados e aceitaram participar da investigação e compuseram a amostra.

Segundo Minayo (1994), a definição da amostragem na pesquisa qualitativa deve abranger atores que compõem o contexto escolhido. A autora considera a amostragem apropriada aquela que permite a abordagem do problema em suas várias dimensões, chamando atenção para o fato de que o número dos sujeitos não garante representatividade. Assim, a preocupação estava voltada para a interpretação dos discursos e práticas de escolares frente a questão ambiente e saúde, sem a pretensão de que o número de participante eleitos representassem a totalidade dos discursos e práticas da comunidade escolhida.

A opção pela faixa etária de 10 e 12 anos pautou-se na necessidade de se valorizar a vivência dos escolares na comunidade escolhida, ou seja, no processo de urbanização do bairro. A idade cronológica dos escolares e o tempo em que se iniciou a urbanização do Bairro Jardim Centro-América

(cerca de doze anos) aproximam-se. Todos os participantes moram a mais de cinco anos no bairro.

Os sujeitos envolvidos nesta investigação participaram mediante autorização, que ocorreu antes do início dos estudos, através de formulário (anexo I) enviados aos pais e ou responsáveis. Também foi obedecido o corsito sigiloso das informações obtidas junto aos atores envolvidos bem como o anonimato através do uso de pseudônimos; buscou-se cumprir o que determina a portaria do MEC nº 196/96 referente à pesquisa com seres humanos.

Para apresentação dos dados foram utilizados pseudônimos na identificação dos sujeitos garantindo seu anonimato. Os nomes escolhidos pelos escolares foram: Romário, Ronaldo, Zetti, Bebeto, Amanda, Angélica e Ronaldinho.

As **fontes de informações** deste estudo foram: o discurso dos sujeitos selecionados e de seus pais ou responsáveis. Como forma complementar, para esclarecimento e tentativa de melhor compreender os achados, fizemos observação das condições do bairro e da residência de cada escolar e, ainda, literatura referente ao bairro em questão.

Para o levantamento de informações, utilizamos as seguintes **técnicas**: oficinas com os escolares, entrevistas abertas (com os escolares e seus pais/responsáveis); observação participante. Durante o levantamento foi utilizado diário de campo, onde colocávamos nossa impressão, enquanto pesquisadora, em relação aos fatos ocorridos, as observações e descrições dos locais: residência, escola e bairro. Para entrevista o recurso utilizado foi o gravador.

No levantamento de informações junto aos pais/responsáveis, utilizamos a observação participante e a entrevista aberta. Através destes, viabilizados pela visita domiciliar, objetivamos ampliar a compreensão dos discursos dos escolares e suas práticas e também observar seu contexto habitacional, relacionando-o à preservação ambiental.

As informações relativas ao bairro foram levantadas através de visita *in locu*, fontes documentárias junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e de consulta à produções acadêmicas realizadas na área.

A Técnica de Oficina

A técnica de **oficina** é um processo de transformação, produzido pelo próprio sujeito, através de atividades artísticas de diferentes tipos, com a participação de mediação profissional (Patrício, 1996). Acompanhando a produção artística, que em nosso estudo foi expressa através de desenhos (anexo II), por opção dos próprios sujeitos, vêm a reflexão sobre o produzido. Este último momento foi trabalhado durante a entrevista aberta.

Segundo Bonow (1972), o desenho é um meio de expressão da vida mental. Por ele as crianças revelam coisas que se passam no seu íntimo e que ainda não são capazes de revelar na linguagem falada. Neste caso, o desenho foi utilizado como forma de expressão de conhecimentos e práticas, não só porque esta foi uma opção dos escolares que participaram do estudo, mas também por acreditarmos, assim como o autor, que esta atividade pode revelar aspectos da vida mental, das crianças, que contribuiriam para a compreensão e respostas das nossas questões

Não utilizamos os desenhos como forma exclusiva de coleta de dados nas oficinas. Apoiamos também em questões norteadoras, que mobilizassem as falas acerca dos temas a serem trabalhados, com recurso áudio visual específico (vídeo sobre ecossistema, cadeia alimentar e preservação das florestas), com reflexão posterior, e em uma visita ao horto florestal da cidade de Cuiabá.

Trabalhamos com a técnica de oficina, e reforçamos essa opção, porque ela possibilita um

(...) conjunto de expressões envolvendo cognitivo e afetivo, ... um conjunto de representações, de crenças, valores, práticas, expectativas..., numa dinâmica de resistência, de entrega, de revisão de significados e de reconsiderações (Patrício, 1996, p. 59).

Nesta técnica, foram trabalhados os seguintes temas: saúde; doença; ambiente; relação saúde-doença e ambiente. Desenvolveu-se um total de sete oficinas. Todas elas realizadas na Escola Djalma Ferreira de Souza.

A Entrevista Aberta

Empregamos a entrevista aberta, do tipo focalizada, onde segundo Minayo (1994), é possível aprofundar a conversa sobre determinado tema sem prévio roteiro, visando a obtenção de respostas do sujeito no seu próprio contexto. Após as atividades das oficinas, desenvolvemos duas entrevistas com cada escolar. Estas foram orientadas pela produção artística realizada individualmente pelos escolares durante as oficinas, no espaço da escola. Em visita domiciliar aos pais/responsáveis fizemos uma ou duas entrevistas, de acordo com o necessário.

Observação Participante

Foi utilizada a observação participante enquanto técnica de pesquisa. Segundo Schwart & Schwart, citados por Minayo (1994), a observação participante enquanto técnica é

(...) um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (Schwart & Schwart, 1955, apud Minayo, 1994, p. 135).

Quanto à inserção do pesquisador no campo a fim de realizar a observação participante, há, teoricamente, quatro situações possíveis (Minayo, 1994):

- 1) Participante total – É o “status” do pesquisador, que se propõe a participar inteiramente, como “nativo”, em todas as áreas da vida do grupo que pretende conhecer;

- 2) Participante observador – Neste o pesquisador expõe a sua intenção de pesquisar, para o grupo, deixando claro para si, a sua relação de pesquisador de campo;
- 3) Observador como participante – Esta é uma observação quase formal, de curto espaço de tempo e suas limitações advêm desse contato bastante superficial;
- 4) Observador total – Nesta modalidade o observador omite a interação direta com os informantes, ou seja, os sujeitos não sabem que estão sendo observados e pesquisados. Durante nossa investigação, situamo-nos como participante observador, e também como participante total, dependendo de como o contexto se apresentava.

Neste estudo, foi adotado a atuação como participante observador, para o levantamento de informações junto aos pais/responsáveis no domicílio e aos escolares. Utilizamos as 4 etapas sugeridas por Leininger:

Etapas 1 – Observação – Nesta etapa ouvir e observar foi a nossa principal função, procuramos compreender a relação escolares e ambiente, bem como fazer aproximação com os mesmos.

Etapas 2 – Observação e participação – A observação contínua, formulamos algumas perguntas informais aos escolares e participando em atividades que não interferiam no estudo, empregado mais como forma de aproximação e descontração, como brincadeiras e bate papo.

Etapas 3 – Participação com alguma observação – Participamos ativamente permanecendo ao lado dos escolares durante suas atividades nas oficinas, brincadeiras e um passeio. Isto permitiu acompanhar os fatos que estavam ocorrendo e registrá-los. Bem como validá-los ao se comentar sobre os desenhos por eles produzidos.

Etapas 4 – Observações reflexivas. Retomamos os dados coletados anteriormente, ou seja “olhamos para trás” cuidadosamente e refletimos

sobre os fatos e achados, tentando capturar o processo global da pesquisa e ver como os escolares estariam respondendo às questões. No momento de análise houve necessidade de momento de afastamento e de retorno ao campo para aprofundar as discussões.

Inicialmente entramos em contato com os escolares através dos professores da escola selecionada. Os encontros ocorreram na biblioteca da escola e na sala da coordenação. Através dos alunos contatamos os pais/responsáveis no domicílio. As visitas no bairro aconteceu em vários momentos, embora já se conhecia há bastante tempo, como foi dito anteriormente, o surgimento foi acompanhado. A observação direta no bairro, foi realizada como forma complementar de coletar e comparar os dados.

Desenvolvemos a pesquisa em quatro momentos diferentes. No **Momento 1**, buscamos a escola onde os escolares do bairro em questão encontravam-se matriculados. Trabalhamos inicialmente os temas saúde, doença e ambiente, através de oficinas. No **Momento 2**, desenvolvemos o processo de reflexão sobre os temas trabalhados anteriormente, relacionando-os com as condições vivenciadas no bairro, através da técnica de oficina. No **Momento 3**, realizamos entrevistas com os escolares utilizando as suas produções (desenhos, anexo II) e fizemos as visitas domiciliares aos pais/responsáveis. No **Momento 4**, o material levantado foi interpretado e em seguida buscamos responder às questões de pesquisa inicialmente colocadas.

A **análise dos dados** foi encaminhada a partir de categorias. Havíamos determinado inicialmente uma lista de três tópicos (saúde, doença e relação saúde-doença e ambiente) acerca dos quais iria acontecer a coleta dos dados. Porém, durante a coleta dos dados fizemos uma organização mais abrangente do material levantado; em seqüência, construímos as categorias empíricas através da identificação de idéias, expressões e práticas comuns. Procuramos assim classificar os dados coletados para estabelecer comparação com os tópicos preestabelecidos inicialmente. Baseamos na premissa de que nossa análise:

(...) são os valores sociais e as maneiras de dar sentido ao mundo que podem influenciar quais os processos, atividades, acontecimentos e perspectivas que os investigadores consideram suficientemente importantes para codificar (Bogdan e Biklen, 1991, p. 229).

3.1 Momento 1 – Oficina Sobre Saúde-Doença e Ambiente

Conhecer os conceitos dos escolares sobre os temas saúde, doença e ambiente era a nossa intenção inicial e procuramos fazê-lo de forma que a sua expressão fosse a mais espontânea e descontraída possível. Para isto realizamos a primeira oficina.

Antes, porém, de iniciar as oficinas, buscamos a aproximação e sensibilização dos sujeitos, através de contatos iniciais (foram aproximadamente três contatos). Estes foram feitos mediante esclarecimentos sobre o trabalho de pesquisa, através de uma conversa informal com o grupo. Tais esclarecimentos partiram de questões colocadas por eles, como:

A senhora ainda estuda? Puxa então professora também estuda?" (Angélica).

Quanto tempo vai levar para a senhora terminar? (Ronaldinho)

A gente vai aparecer no seu trabalho? (Ronaldo)

A compreensão dos escolares sobre o que se iria fazer demorou um pouco, pois é difícil para eles entender que mesmo após ter feito uma faculdade, ainda, haja necessidade de estudar, de freqüentar aulas e ter professora. Esta realidade parece ser muito distante da vida por eles.

As atividades desenvolvidas nas oficinas foram realizadas sempre num período de três vezes por semana, com duração de uma a uma e meia

horas. Preferimos trabalhar primeiramente os temas saúde, doença e ambiente em separado, ou seja, saúde, doença e ambiente sem vínculo entre eles, para depois buscar refletir, junto aos sujeitos, a inter-relação dos conceitos emitidos; para isto, foram realizadas outras oficinas, em outro momento.

A - OFICINA: SAÚDE

Inicialmente buscamos trabalhar o conceito de saúde. Em grupo, sentados em forma de círculos, colocamos a palavra saúde, pedindo que falassem o que pensavam sobre ela. Cada um expressava-se livremente, emitindo seu conceito e/ou opinião, a partir do qual a discussão se desenvolvia. A princípio, emitiam conceitos que já haviam recebido na escola. Parecia que esperavam que lhe reafirmassem; porém, como não emitimo-lhes nenhum conceito, começaram a expressar-se espontaneamente sobre suas idéias. Porém houve necessidade de estimular alguns a falarem, neste momento, tínhamos em mente que estávamos realizando uma pesquisa e não fazendo parte ou desenvolvendo um programa ou processo educativo sobre meio ambiente.

Saúde ... é viver bem ... é conservar alguma coisa ... é a natureza... (Zetti)

É viver ... ter o corpo sem doença (Ronaldinho)

Cuidar do corpo ... (Ronaldinho)

É bom ter saúde a gente pode brincar ... (Angélica)

Em suas falas iniciais pudemos perceber que saúde estava delimitada, inclui a conservação de um corpo sem doença. Está presente a idéia de saúde com o poder desfrutar do lazer através das brincadeiras; há também, a relação entre saúde e natureza.

Ao final desta oficina não produzimos nenhum material artístico, por opção dos próprios sujeitos, mas as suas expressões foram anotadas no diário de campo, para posterior interpretação e análise. Neste momento, começamos a identificar que a saúde é, para eles, estar bem, tendo disposições para atividades físicas como as brincadeiras. Aparecem os primeiros indícios de que ela não existe por si só, está relacionada com a conservação da natureza.

Este momento foi importante para aproximar ainda mais do grupo. Feito isso, passamos para o tema seguinte: **doença**.

B - OFICINA: DOENÇA

Buscamos conversar inicialmente sobre o tema, os diálogos foram mais abrangentes, do que na primeira oficina. Neste momento não precisamos estimular, todos opinaram e discutiram, tanto que em dado instante houve necessidade de pararmos e buscarmos desenvolver uma dinâmica de grupo - o mestre mandou⁵. Buscando a organização, a disciplina e o respeito nas trocas, o que se fez presente através das regras da brincadeira.

O diálogo prosseguiu, todos opinaram e discutiram. Num diálogo esclarecedor fomos aos poucos delimitando o termo e no final, ao pedirmos que elaborassem algo sobre o que havia conversado, eles optaram pela forma escrita. O resultado foi a expressão de falas como :

Doença ... é algo que pegamos de mosquitos, é sujeira, pega de lixo tóxicos, de sujeira ... da poluição do rio, brincar na água parada também pega ... a doença vem da sujeira ...
(Romário)

Doença é quando a gente pega dengue ... também é quando a criança fica no lixo ... (Amanda)

⁵ Dinâmica de grupo que se realiza da seguinte forma: seleciona-se duas pessoas, que no caso foram crianças. Uma representa o mestre, que comandará os gestos que o grupo vai desenvolver. A Segunda, vai descobrir dentre as crianças qual é o mestre.

Doença é alguma coisa que pode passar de uma pessoa para outra (Zetti).

Doença é uma coisa muito perigosa ... (Ronaldo).

Doença é um vírus ... uma pessoa pode pegar da outra ... (Zetti).

Doença não pode correr e ficar no sol ... (Angélica)

Esta compreensão está vinculada a do modelo biológico, pois vêem a doença como algo que afeta o corpo, mas também ao modelo ecológico, porque muitas vezes consideram-na como sendo provenientes do meio degradado ou desequilibrado pelo processo de vida. Ainda têm a compreensão da doença como algo que se manifesta fora de sua estrutura corpórea. Mas já assinalam sinais de captação da visão sistêmica de vida, ou seja, uma nova visão da realidade, que se baseia na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais (Capra, 1994), tanto que referem que o ambiente está poluído e que “*é a gente que o polui ao lançar o lixo desordenadamente pela comunidade*” (Ronaldinho). Essa interpelação homem/poluinte chega a ser um fator desencadeante na visão holístico-ecológica de ver a vida.

OFICINA : AMBIENTE

Na etapa seguinte realizamos a oficina sobre ambiente buscando abordar o tema, após a projeção do filme⁶ sobre ecossistema. Nessa atividade audiovisual procuramos introduzir o tema ambiente de maneira mais ampla, não tendo a pretensão de estar favorecendo o processo de Educação Ambiental, mas estar estimulando os escolares para desenvolverem a observação individual e do meio.

Utilizamos também, outras atividades como a expressão corporal através da música. Esta foi introduzida para fim de relaxamento, porém foi surpreendente a forma como eles preferiram. Inicialmente colocamos música de ritmo suave a fim de se conseguir esse objetivo. Mas a duração dessa proposta foi alterada por eles antes mesmo do término da música, preferindo um som do tipo "tribal" como é conhecido por eles, cujo o ritmo é constantemente acelerado e muito parecido com ritmo dos sons de algumas comunidades indígenas. Durante esta atividade observamos que havia harmonia no inter-relacionamento dos participantes, um respeito entre os componentes. A turma neste instante comportava-se com seriedade até então desconhecida, cada um respeitava o direito do outro na marcação do ritmo e todos se relaxaram, liberando a carga de energia própria da idade, além disso favoreceu muito a relação pesquisadora e sujeito da pesquisa, pois a mesma também teve que marcar seu ritmo.

Outro recurso utilizado foi a observação dos animais (insetos, aracnídeos, aves, etc.) que compartilham o meio onde vivem (residência), aqui cada escolar trouxe de sua residência um animal que compartilhava em seu ambiente domiciliar, apareceu diversas espécies desde uma pequenina formiga, até um sapo. Diante da diversidade de insetos e outros seres trazidos por eles buscamos valorizar cada ambiente e seus respectivos visitantes (animais), afim de refletir sobre o ambiente onde estamos vivendo e quais seres compartilham conosco.

Durante esta oficina, ainda aconteceu uma visita ao horto florestal da cidade. Neste instante observamos que muito dos escolares não conhecem locais mais distantes da sua comunidade. Mesmo o horto sendo aproximadamente seis quilômetros de distância da comunidade onde residem e estar localizado dentro do perímetro urbano. Durante a visita os escolares se portaram como observadores, respeitando a conservação do ambiente enquanto patrimônio, o que foi surpresa pois não havia sido feito nenhum comentário previamente em relação a isso.

⁶ Ecossistema, cadeia alimentar, preservação das florestas, Vídeos ciências, (filme-video) enciclopédia Britânica do Brasil, 1983.

As reuniões por nós realizadas, utilizamos expressão corporal, observação dos animais e visita ao horto florestal, tinham por finalidade estimular a observação ambiental tanto do seu cotidiano (bairro e residência), como o ambiente mais próximo ao natural (horto florestal).

Nesta oficina, não partimos com a premissa de buscar a compreensão do que seria ambiente para esses escolares. O objetivo desta foi de inserir o tema, ambiente, de forma abrangente, para que pudéssemos, posteriormente, fazer a relação saúde-doença e o ambiente em que os mesmos estão vivendo. O qual passamos a descrever em seguida e que para facilitar o entendimento denominamos de momento 2.

3.2 Momento 2 – Oficina : Reflexão sobre Saúde-Doença e Ambiente

Neste momento as atividades estavam voltadas para a reflexão sobre os temas trabalhados anteriormente, saúde-doença e ambiente e sua relação com o meio onde vivem, ou seja, fizemos uma rápida reflexão acerca dos pensamentos emitidos relacionando-os ao contexto natural - social (o bairro).

Observamos que os escolares espontaneamente repetiam muito do que viram nos “slogans” das campanhas de programas preventivos divulgados pela mídia tais como: a preservação das matas, ações para evitar a queimada, o problema que a água parada acarreta e a preocupação com os meios de transmissão da dengue. Ainda assim, preferimos não interferir. Deixando fluir o que pensavam e, também, o que já se havia conversado nas oficinas anteriores. No final, colocamos o tema: “Os problemas de meu bairro”, e solicitamos que o representassem por meio do desenho (anexo II). Este instrumento seria utilizado no momento 3, onde buscaríamos a compreensão do discurso e da prática de escolares na preservação do meio onde vivem.

Neste momento, a intenção era a de conhecer um pouco mais sobre o que os escolares pensavam sobre saúde-doença e ambiente, para

buscamos compreender seu discurso e sua prática na preservação ambiental, mais especificamente no meio onde vivem sua comunidade.

Os desenhos retratavam o bairro, as condições do ambiente, como o esgoto a céu aberto, lixo amontado, ruas cheias de buracos. Alguns idealizavam algo para o bairro, como casa com jardim, propriedade comercial bem estruturada, pomares no quintal. Dá-nos a sensação de que, para os problemas levantados, ainda, existe possibilidade de soluções. É o que espera atingir a Educação Ambiental, uma conscientização nesse processo homem e ambiente.

3.3 Momento 3 – Procurando Conhecer a Comunidade Estudada

Estando os desenhos prontos, passamos a realizar a visita domiciliar, conforme previsto na programação. Como já foi colocado ela favoreceria a aproximação com o meio onde se dão as relações, interações e vivências cotidianas destes escolares, e nos oportunizaria observar o seu contexto habitacional e as práticas de cada um dos sujeitos participantes e de seus familiares, na preservação ambiental, por este motivo não avisamos que iríamos à suas casas, porque nos interessava o ambiente como ele realmente é; sem uma prévia arrumação por estar nos esperando.

Para as visitas domiciliares obedecemos um roteiro (anexo III), reforçávamos, esclarecíamos e informávamos aos pais ou responsáveis o que já havia acontecido e o que estava programado neste estudo. No roteiro constava algumas perguntas sobre: origem da água, destino do lixo e da água utilizada. Não se tratava de uma entrevista estruturada, apenas tínhamos esses temas norteadores para iniciar a conversa, o que nos permitiu observar as condições do ambiente e os aspectos relativos à sua preservação.

A visita aconteceu no mesmo dia em que se realizou a entrevista com o escolar, ou seja, íamos em primeira instância à casa do escolar, e em seguida deslocávamos até a escola para entrevistá-lo.

Durante as visitas domiciliares pudemos constatar que dentre todas as casas visitadas, apenas uma mantinha o ambiente em condições diferentes daquelas faladas pelos escolares, apresentando lixos espalhados e água servida lançada no próprio terreno, exceto a do vaso sanitário. As demais casas lançavam seu esgoto sanitário em fossa.

Em todas as famílias visitadas o lixo doméstico era armazenado em saco plástico e colocado para a coleta pública. Houveram muitas queixas e críticas referentes aos maus hábitos de muitos moradores. As reclamações foram concernentes ao lixo lançado no córrego existente no bairro e, também, sobre lixos colocados nos terrenos baldios.

Nas visitas domiciliares, realizadas junto aos familiares, observamos que os discursos desses referiam-se à preservação do meio, sendo o ambiente alvo de preocupação. As práticas de preservação limitavam-se, na grande maioria, à residência. A não preservação do ambiente físico pela comunidade é alvo de suas críticas, dirigida aos maus hábitos de moradores, ao fato de não respeitarem o próprio ambiente do qual fazem parte, e à organização política do bairro e do estado no enfrentamento dos problemas locais:

*O lixeiro passa mas tem muita gente aí que joga lixo á toa
(Mãe de Romário)*

*Falar que tem presidente de bairro aqui é preguiça, pode-se
considerar que não tem (Pai de Romário).*

*O presidente daqui, não resolve nada, Antigamente aqui nós
tínhamos dificuldade com a luz que era tudo na gambiarra, aí
a Cemat passou, fizemos uma reunião lá em baixo ...
conversamos e aí no outro dia o caminhão chegou ligando
ligando ... rapidão arrumou ... é só querer que faz (Pai de
Romário).*

Os meios para se conseguir as melhorias para a comunidade, são apontados ao criticarem a postura política e administrativa do presidente do bairro. Em muitas de suas falas os moradores justificaram a falta de estrutura do bairro pela falência administrativa, com a qual têm que conviver. Porém, percebem-se fazendo de tudo para que o seu espaço, sua residência possa estar mais compatível com um viver de qualidade, respeitando o ambiente. Ao visitarmos o bairro detectamos a problemática referida, ou seja há a degradação ambiental, os moradores percebem isso e atribuem a culpa aos órgãos administrativos.

É possível que as práticas assistencialistas trazidas pelo Estado favoreça o crédito de que os problemas relativos ao bairro são, principalmente, da responsabilidade do Estado. Contudo, nesta época em que se quer trabalhar a relação homem/ambiente numa visão holístico ecológica, o homem não pode se negar a buscar sua própria melhoria de condições de vida. O Estado deveria desempenhar o papel de provedor, ao promover o despertar para essa consciência, além de oferecer estrutura básica como: saneamento (canalização e tratamento do esgoto), assistência médica primária, coleta de lixo e educação entre outros. Os sujeitos deveriam compreender a sua responsabilidade frente à questão ambiental conforme os princípios da Educação Ambiental, que espera dos indivíduos a responsabilidade de assumir o ambiente como propriedade de cada um e comum a todos; porém, o que identificamos, nesse estudo, foi que os sujeitos se eximem desse compromisso e cobram a resolução, da depredação ambiental, aos órgão governamentais, embora em alguma medida já se sintam como co-responsáveis.

Assim pensando, entendemos que, de uma certa forma, os escolares estão vendo a interdependência, onde cada um precisa do outro, e a autonomia relativa quando estão sendo co-participantes através da práticas que realizam no âmbito privado (Boff, 1996).

Isto indica um certo despertar da consciência para a preservação ambiental, na intenção de melhoria na qualidade de vida, o que está relacionado ao pensamento referente ao desenvolvimento sustentável. Esses

pensamentos baseiam-se em valores, premissas e processos que não venham interferir negativamente nos ecossistemas e, em consequência, na saúde individual e coletiva. Acreditamos que o homem não tem o direito de hipotecar e comprometer o destino das futuras gerações (Rodrigues et al, 1992).

Durante as visitas observamos que em muitas esquinas do bairro havia lixo amontoado. A maioria das ruas eram intransitáveis para carros, devido aos buracos provenientes da erosão e do lançamento de águas servidas vindas de determinadas residências. Inclusive duas das que visitamos, pois lançam na rua parte da água consumida, o que já havia sido retratado nos desenhos dos escolares.

O bairro é cortado por um córrego que atualmente está sendo utilizado para lançamento de esgoto e tem servido como depósito de lixo. Familiares criticaram um determinado órgão estadual que iniciou um projeto para canalização e tratamento da rede de esgoto, mas que se encontra inacabado:

*Aquilo ali é uma vergonha ... já iniciaram a rede de esgoto,
mas fizeram tão mal feito que tiveram vergonha e pararam ...*
(Pai do Romário)

Muitas críticas são apresentadas, mas não há menção a nenhuma ação para agilizar ou viabilizar qualquer resolução. Resolução só mesmo no "seu pequeno espaço"; neste, realizam ações para tentar garantir o seu processo de vida com qualidade. Por isso cuidam do quintal, dão destino adequado ao lixo, procuram resolver os problemas com a água servida.

Estas atitudes ainda estão calcadas no modelo cartesiano; nele o antropocentrismo é evidente, porque o que mais observa é o seu bem estar, e, em parte, o da coletividade, mas a preocupação com o meio ainda não é evidente (Barbosa, 1995)

Existe no bairro um terreno/espaço físico onde a comunidade pretende construir uma área de lazer e uma igreja. Há no local uma estrutura de

madeira, que lembra um templo cristão e, ao lado, uma área com traves que servem para jogos de futebol. Nele, as crianças e seus familiares parecem depositar um pouco de esperança na melhoria da comunidade, por ser um meio de viabilização de algo diretamente ligado a eles e às suas necessidades de lazer. A comunidade se reuniu, empenhou-se na conclusão da estruturação dessa área,

(...) Todo domingo a gente ia lá para fazer o campo e a igreja
(Ronaldinho)

Isto também apareceu nos desenhos dos escolares, bem como o uso de parte do terreno do IBAMA (Instituto Brasileiro de Amparo ao Meio Ambiente). As crianças, em especial os meninos, buscam formas para desfrutar do lazer que mais gostam – o futebol – e, para isso, procuram terreno limpo e plano.

O campo e a igreja são o local de lazer e o único espaço que é considerado como sendo de todos, de direito e dever. Desta forma, eles sabem valorizar algo fora do “seu espaço” próximo e pessoal.

Após a visita, de posse dessas observações, retomamos aos sujeitos e com os desenhos (anexo II), por eles confeccionados, dando assim, continuidade ao trabalho, a fim de compreender o seu discurso e as suas práticas na preservação do ambiente onde vivem.

Para isso fizemos grupo de dois alunos, que se juntaram espontânea e aleatoriamente, ou seja sem nenhum critério para se estabelecer a parceria. Estando em dupla, entregávamos seus respectivos desenhos; deixávamos que os observassem tanto o seu como o do colega, sem nada interferir. Reportando ao grande grupo, neste momento constatamos diferentes formas de expressão, uns admiravam com entusiasmo e outros ficavam envergonhados com que haviam sido desenhado.

Ah! Meu desenho! ... minha casa ... a rua lá de casa
(Romário)

É, este é meu ... está meio feio não é ? (Ronaldo).

É legal ... ficou legal ... (Romário).

Numa etapa seguinte, contemplando seu desenho cada escolar expressou-se livremente acerca do que tinha desenhado. A medida que iam falando, desenvolvíamos conversas sobre os problemas do bairro, o que pensavam sobre isso e quais práticas eles realizavam.

Os desenhos (anexo II), feito a partir do tema: "Os problemas de meu bairro" retratavam, na sua grande maioria, as residências de cada um deles. Segundo Bonow (1972) isto é característico nos escolares de 6 a 12 anos. Entendendo, então, que eles revelavam ou idealizavam um local onde pudessem sentir-se protegidos, acolhidos e reconfortados. Dentre os sujeitos do estudo apenas um escolar não retratou sua casa, preferindo desenhar uma estrutura que faz parte da comunidade (a igreja) (Anexo II.A). Um outro (anexo II.B) retratou uma casa bem organizada com um jardim florido, a estrutura física era bem diferente da sua, o que pudemos constatar na visita domiciliar, pois seu quintal encontrava-se com mato crescido, muito lixo espalhado e esgoto a céu aberto.

As suas práticas de preservação ambiental na comunidade em que residem, relacionadas ao processo saúde-doença, ocorrem ao redor de dois elementos: do lixo doméstico e do saneamento comunitário (fossa séptica). O tratamento do lixo doméstico é praticado ao providenciarem seu armazenamento para a coleta, e o saneamento ao se preocuparem com o destino da água servida, construindo fossas e mantendo esta em perfeita condições de uso (providenciando o esvaziamento quando ocorre seu extravasamento). O que vem mostrar a ética de cada um para com seu ambiente mais próximo, que reflete na família, na comunidade e no mundo (Peters, 1974).

Detectamos, também, que os escolares retrataram o lado bom, como as árvores frutíferas e o terreno do quintal limpo. Condizendo com a sua

realidade, pois durante a visita observamos que os quintais eram, em sua maioria, bem cuidados e tinham plantações. Isto denota as preocupações e as ações éticas para com o meio ambiente. Porém, não são somente estas que estão presentes entre os escolares, mas também, os relativos à estética. Ressaltar o belo ou cultivá-lo está sendo uma maneira de sublimá-lo, estar dizendo que representa o que lhes são de valor - o bom e o belo, ou seja a questão central, a essência da ética (Vazquez, 1975)

Este estudo nos mostrou que a prática de preservação ambiental está vinculada à resolução de problemas domésticos. Os problemas são comuns não só entre estes sujeitos do estudo, mas na maioria da população que vive na região urbana, principalmente aquela da periferia. Um deles diz respeito ao destino do lixo doméstico. Esta prática foi evidenciada por todos os sujeitos, e está vinculada ao serviço oferecido pelo Estado, ou seja são as coletas feitas pelos veículos apropriados, que buscam, de casa em casa, recolher todo material devidamente embalados, (ensaculado). Porém, no bairro em questão há ruas intransitáveis, o que impede a coleta de lixo por casa. Então as crianças junto com seus familiares, buscam solucionar o problema se empenhando em colocá-lo num local onde facilitaria a coleta, nem que para isto tenham que se deslocar para a esquina ou lixeira coletiva..

A gente coloca na sacola e coloca lá na esquina para o lixeiro passar e levar (Ronaldo).

Eu levo lá e aí eles pegam outro dia (Ronaldinho).

Na minha rua não passa caminhão de lixo ... o caminhão para na esquina e os caras pegam o lixo, o pessoal põe o lixo na lixeira ... na calçada (Amanda).

Vimos que as crianças e seus familiares, mesmo não contando com a regularidade do serviço de coleta de lixos por exemplo, buscam alternativas para se manter um ambiente limpo. Desta forma contribuem para a preservação ambiental. Entendemos que são os passos iniciais da consciência ecológica, onde se busca desenvolver nos indivíduos práticas individuais para se atingir as globais, planetária. A partir da conservação e

respeito pelo ambiente em que estão inseridas, trazem para si, um dos objetivos da Educação Ambiental; a preservação do meio ambiente da Terra. O que contribui para a conservação de um estilo de vida mais saudável, tanto do ponto de vista coletivo como do individual, constituindo-se em bem estar, ter qualidade de vida digna, e atitude respeitosa para com a natureza.

Assim, vemos neste momento que o bem comum pessoal ruma em direção ao bem comum cósmico; ou seja quando os escolares têm esta atitude para com a natureza, ainda que de forma individual, ela acaba por atingir o macro – o cosmos (Boff, 1996).

As práticas são comuns, entre os escolares e familiares, o que ocorre é que nem sempre a coleta de lixo é feita regularmente e aí surge os problemas de ordem social com o meio ambiente, porque o coletor de lixo não passa, muitos acabam jogando o lixo em terrenos baldios.

Quando o lixeiro não passa a gente espera ele passar e quando não passa nós pegamos e jogamos lá para baixo. (Ronaldo).

Aí joga fora, no mato! (Amanda).

A participação dos escolares na preservação do meio, se restringe ao acondicionamento do lixo em utensílios próprios (sacolas de plásticos) e colocação no local acessível para a coleta.

Eu coloco na sacola e deixo lá em cima para o lixeiro passar e pegar... (Zetti).

Porém, como a coleta além de não obedecer a rotina de recolhimento por casa, e não sendo regular, o lixo passa a ser depositado em local acessível para fins de recolhimento. Este material depositado com ou sem acondicionamento, gera outro problema, que eles apontam: O *lixão*, “é um montão de lixo” (Zetti). Sua formação se dá: 1º com o não acondicionamento do lixo em sacolas, o serviço de coleta só recolhe o material acondicionado, os que foram violados por animais e ou aqueles do tipo entulho permanecem no local; 2º como a coleta é irregular, o montante só vai acumulando e a partir

daí, a comunidade utiliza desse espaço para depositar qualquer tipo de lixo, mesmo os orgânicos que resultam em putrefação, como é o caso de animais mortos (cachorros).

É, o lixo ensacado ele leva ... (Ronaldinho).

É... mas agora tem gente que joga tudo sem ensacolar, joga cachorro morto ... agora desde quando o lixeiro vai levar cachorro morto (Ronaldinho).

Esta prática de depositar todo e qualquer tipo de lixo, é reconhecida pelos escolares como errônea e prejudicial à saúde,

(...) quando eu joga o lixo lá, eu coloco tudo na sacola e o lixeiro pega o que está ensacado não é? (Ronaldinho).

(...) e aí fica fedendo e pode também dar doença (Amanda).

O lixo ou resíduo sólido, é um problema discutido dentro da temática ambiental, mais especificamente do desenvolvimento sustentável. Temos ainda que desvendar muitos problemas, bem como suas causas, a fim de direcionar a prática resolutiva, dentro da visão holístico - ecológica.

Segundo Lago(1991), o lixo é considerado o resultado final do desenvolvimento. Ele é parte integrante do desenvolvimento acelerado, centrado no racionalismo selvagem em desrespeito a natureza. A resolução dessa problemática também vem sendo construída junto aos novos conceitos paradigmáticos. A medida que se adquirir conhecimento da causa, houver formação conscientes dos hábitos, em relação ao ambiente, poderá ser resolvida mais eficazmente, que por sinal é apontada como a que contribui direta e negativamente para o processo saúde-doença.

A poluição das águas correntes citada pelas crianças, está vinculada ao lixo.

Tem muita gente que joga lixo lá ... (Mãe do Romário).

Porque quando o caminhão não passa elas jogam lixo lá ... (Mãe da Amanda).

Ao citar a poluição do córrego, as crianças fazem a relação saúde-doença, quando enfatizam que há crianças que nadam nestas águas e que podem ficar doente.

Ainda tem gurizada que toma banho lá ... eu não tomo banho lá (Romário).

Ah! Pode dar doença! ... (Ronaldo).

Quando a situação com o destino do lixo vai se tornando difícil, uma alternativa para o destino do mesmo é queimá-lo. Isto foi comentado por algumas crianças, que vêem seus pais praticarem. Reconhecem os benefícios para se evitar a presença de insetos e ao mesmo tempo para melhorar a estética, ou seja procurando evitar que o lixo fique espalhado. Apesar desta rotina as crianças sentem-se prejudicadas pela fumaça que resulta da queima do lixo e do mato.

Agora o povo joga lixo lá e não ensacola ... depois tocam fogo ... fica aquela fumaça e ninguém consegue aguentar ... (Ronaldinho).

Os escolares fazem a relação saúde-doença com as condições de degradação do meio ambiente, quando referem que o lixo, o destino inadequado das águas servidas, o ar ambiente e o córrego poluído acabam acarretando e/ou favorecendo o adoecimento. Desta forma vemos que elas têm conhecimento que o bem estar está relacionado com os fatores ambientais como a qualidade do ar, da água e as condições do solo, que são decorrentes do modo e estilo de vida dos seres humanos (Capra, 1994).

O fato dos escolares terem manifestado, apenas, o seu estilo de vida e de alguns membros de sua comunidade, como fazendo ou não determinadas práticas em prol do meio ambiente, e não relacionando-o aos fatores sócio-político-econômico; não nos impediu de levar em conta, que o modo como os seres humanos vivem está diretamente ligado e moldado pelo modelo econômico (Giddens, 1996).

Uma outra questão é que, embora os escolares não tenham a relação poluição do ar e queimadas, comuns nos meses de junho e julho quando os agricultores queimam a vegetação para preparar o solo para o plantio, elas sentem-se prejudicadas com a fumaça oriunda da queima do lixo e da mata. O problema da poluição do ar ambiente, decorrentes das queimadas, é tão grande em nosso meio que tem aumentado neste período do ano, o número de doença respiratórias, principalmente entre as crianças. Enfatizamos que nesta época do ano tanto nas Unidades Básicas de Saúde como no hospital, temos recebido e tratado crianças com infecção das vias respiratórias, que tem como fator desencadeante, principalmente, a fumaça inalada.

A poluição do ar é apontada pelas crianças; direcionam ao incomodo da fumaça e ao mau cheiro resultante dos animais mortos, em estado de putrefação, que são deixados em terrenos baldios, no lixão ou no córrego.

Preocupados com a qualidade do ar ambiente, as crianças enterram seus animais domésticos para beneficiar não só a si própria, como sua família, notamos que as ações éticas pessoais estão presentes entre elas (Peters, 1974).

Outros tipos de poluição do ar ambiente não foram relatados pelas crianças e entendemos que isso deva-se ao fato de no bairro não existir indústrias que emitem poluentes e, ainda, por não haver excesso de tráfego de veículos. Pois, tem sido denunciado na imprensa falada e televisionada que estes têm sido um dos maiores responsáveis pela poluição do ar ambiente, comprometendo a saúde da população. Haja visto que em cidade de grande porte há marcadores que indicam a qualidade do ar, o que levou o governo a tomar determinadas medidas como o rodízio de carros⁷.

Dentro, ainda, do contexto habitacional, observamos que as práticas de preservação ambiental continuam dependente da resolução de problemas, como o destino da água servida.

⁷ Não circulam na cidade os carros com determinado número no final da placa, por exemplo 0 e 1 nas segundas feira, e assim por diante. Isto equivale a diminuição de tráfego 20% da frota.

Este bairro não dispõe de rede de esgoto e cada morador busca resolver o problema com a água servida. A maioria se preocupa com isso; procurando maneiras de preservar o seu habitat sem prejudicar, dentro do limite possível, o meio ambiente. Para isto constróem fossa e as mantêm em condições de uso.

Lá em casa não tem esgoto⁸ Quando nós mudamos para lá já tinha fossa, mas como estava toda quebrada ele (pai) fez outra (Angélica).

Toda água de casa cai na fossa (Ronaldinho).

Por ser o bairro localizado dentro de uma faixa de solo pantanoso, há com freqüência alagamentos e trasbordamentos das fossas. Por isso os escolares relatam ter problemas em despejar todo volume da água usada, nesse local. Mencionam, ainda a necessidade de esvaziamento da mesma, através de empresas prestadora desse tipo de serviço (limpadora de fossa), a fim de não prejudicarem mais o ambiente com o seu extravasamento.

Tem vez que a fossa enche, e aí meu pai chama o caminhão de limpa fossa para retirar e parar de vazar (Romário).

Porém há alguns que procuram outra alternativa, demonstrando que a prioridade é o seu habitat, tomando inclusive providências para lançar água servida diretamente na rua e outros providenciando a canalização, de água de seu vizinho, porque esta acabou caindo em seu espaço – quintal,

Tem uma fossa em frente de casa, ali cai a descarga, a água da cozinha e do tanque vão para a caixinha que meu pai fez e daí vão para a rua. Tinha também uma água da vizinha de cima que parava no nosso quintal, daí meu pai colocou um cano para que ela caia direto na rua e não para mais na porta de nossa casa (Ronaldo).

A água da pia e do tanque vai para a rua (Bebeto).

⁸ A palavra esgoto se refere ao esgoto que corre ao céu aberto e rede de esgoto a canalização e tratamento do mesmo.

Ao buscar novas alternativas para resolução de seus problemas, eles estão individualmente lançando mão da criatividade, para minimizar os problemas do meio ambiente (Boff, 1996). No entanto não relatam, explicitamente sua responsabilidade nesta questão, e isto é observado nas falas das crianças que tem suas águas lançadas na rua.

Na minha rua não dá para passar carro, é cheia de água, eles tentam arrumar mas não adianta, fica pior, porque a água fica direto empossada e é perigoso isso, pode dar doença, a dengue anda batendo lá (Amanda).

Não pode deixar esgoto ir na rua, pode dar doença (Bebeto).

(...) Não pode jogar água porque fica parada e enche de micróbios e aí dá doenças (Amanda).

Dessa maneira percebem o ambiente como um todo, mas ainda existe a separação do homem da natureza, e esta advém da teoria mecanicista, cuja visão de mundo fica restrita ao comando do homem, ou seja o mundo é uma máquina que fica a mercê do ser humano (Barbosa, 1995). Assim, a responsabilidade deles para com o meio, fica restrita ao espaço que ocupa, ou seja o local onde é considerado “seu”, sua casa.

A senhora viu não é? O meu quintal é limpo, quando eu não limpo meu irmão limpa ou minha mãe (Amanda).

Apesar desta preocupação com a higiene do ambiente doméstico, constatamos que isto nem sempre ocorre no espaço coletivo, como o pátio da escola. O escolar Zetti jogou o invólucro do picolé no chão. Havia no pátio da escola o recipiente destinado ao depósito de lixo (notas de observação).

Diante dos fatos conflitantes, questionamos porque os escolares, em geral, tem comportamentos e ações contrárias às que realizam no espaço doméstico em detrimento do público? Segundo Grün (1996), é a influência cartesiana nos currículos dos escolares, que faz com que se dicotomize o homem da natureza. Ou seja as crianças não sentem que este espaço faz parte do “seu” processo de vida, embora esteja presente no seu cotidiano.

A saúde-doença para esses escolares está quase sempre, vinculada ao meio ambiente, à preservação deste através do saneamento ou da manutenção da limpeza urbana, é vista por eles como problema a ser solucionado, e demonstram que são passivos em relação a isto. Conhecem os problemas, as vias que podem ser buscadas para solucionar, mas têm dificuldades para tomarem iniciativas, transferindo a responsabilidade para outros, e esperando que eles ajam em seu lugar.

Porque será que isto acontece? Entendemos que não basta ter o seu conhecimento pessoal de que saúde-doença está intimamente relacionado com as condições favoráveis ou não do meio em que vivem; nem apontar as possíveis soluções para os problemas, tem que haver um processo endocultural que mude a atitude de um ser humano passivo, resquícios do modelo mecanicista e paternalista, para um que seja co-partícipe e co-responsável pelo ser existir. Para que isso acontecesse deveríamos contar, de um lado com a Educação Ambiental, que forneceria subsídios e favoreceria tomada de decisões, e por outro, a ética; juntas conduziriam à melhoria da qualidade de vida (Lima, 1984). No entanto, neste momento, estes escolares refletem, em imagem e semelhança, as atitudes de seus pais, porque assim como Leininger (1983), Japiassú & Marcondes (1996), Santos (1994) e Laraia (1996) acreditamos que o ser humano nada mais é que o produto dos seus costumes, valores, tradição ou seja sua cultura.

Desejando compreender melhor o discurso e a prática de escolares em relação à preservação do meio ambiente, vemos que a prática está relacionada diretamente à cultura. Sentindo necessidade de compreender sua complexidade e dimensão, lançamos mão da definições de Ferreira (1986), que a entende como sendo,

... Complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade ... (Ferreira, 1986, p. 508)

Como está é, ainda, muito restrita à padrões de comportamento, ou seja as práticas. Buscamos na antropologia, o berço da cultura, uma outra

definição que pudesse ser mais abrangente. Neste sentido Japiassú & Marcondes (1996) afirmam que ela tem duplo sentido:

... a) é o conjunto das representações e dos comportamentos adquiridos pelo homem enquanto ser social. Em outras palavras, é o conjunto histórico e geograficamente definido das instituições características de determinada sociedade, designando não somente as tradições artísticas, científicas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, mas também suas técnicas próprias, seus costumes políticos e os mil usos que caracterizam a vida cotidiana; b) é o processo dinâmico de socialização pelo qual todos esses fatos de cultura se comunicam e se impõem em determinada sociedade, seja pelos processos educacionais propriamente ditos, seja pela difusão das informações em grande escala, a todas as estruturas sociais, mediante os meios de comunicação de massa. Nesse sentido, a cultura praticamente se identifica com o modo de vida de uma determinada população, vale dizer, com todo o conjunto de regras e comportamentos pelos quais as instituições adquirem um significado para os agentes sociais e através dos quais se encarnam em condutas mais ou menos codificadas. Num sentido mais filosófico, a cultura pode ser considerada como um feixe de representações, de símbolos, do imaginário, de atitudes e referências suscetíveis de irrigar globalmente, de modo bastante desigual, o corpo social (Japiassu & Marcondes, 1996, p. 61).

Assim nesta última definição, fica muito clara a participação do meio ambiente, como elemento participante da cultura e ainda que os usos e costumes é o que a caracteriza. Dessa maneira as práticas dos escolares são peculiares à comunidade da qual pertencem e os influenciam em seu cotidiano.

Desse modo, vemos assim como Santos (1994) que a cultura, as práticas e os discursos desses escolares, é um produto coletivo do ser humano. E, ainda que, por mais que eles desejem despojar-se dela, não é possível pois está entranhada em seu ser, no sistema nervoso central, e dessa maneira acaba por determina a forma deles verem/perceberem o mundo em que vivem (Laraia, 1996).

Um outro achado que chamou nossa atenção é o fato de verem a educação como uma saída para a mudança comportamental.

É falar para aquele povo que não pode jogar lixo ali, tem que ensacolar, colocasse ali, mas ensaculado para o lixeiro passar e pegar... tem que falar para o pessoal porque quem joga lixo ali é a maioria do povo ... e o lixeiro passa sempre naquele local porque quando a rua está cheia de buraco o lixeiro passa ali em cima e pega o lixo ensaculado (Ronaldinho).

Esse é o discurso deles, que gira em torno do processo educativo ou seja, “informar aqueles que não sabem”. E quem não sabe, segundo os escolares, é a “maioria do povo”. Para eles o povo precisa de informação; deixam implícito em seu discurso que a “ignorância do povo” prejudica o ambiente e esperam que as autoridades, como o presidente do bairro e o prefeito, cumpram com sua parte em relação às práticas de preservação.

A gente reclama, ele (presidente do bairro) fala que tem que juntar vinte de um bairro vinte de outro bairro para poder ir lá no prefeito de Cuiabá (Bebeto).

O processo educativo, citado por eles, baseado nos modelos de informação é reconhecido como insuficiente. Precisa de mais; um processo que conduza à conscientização e mudanças comportamentais. Assim pensando, apesar do modelo educativo de Paulo Freire ser direcionado aos adultos, vemos como possibilidade de conscientização e de mudanças comportamentais, por estar fundado nos princípios e na abordagem sócio-cultural. Nele o educando participa de forma ativa e em diálogo com o educador, ambos refletindo sobre situações concretas, criticando e partilhando o conhecimento; transformando e sendo transformados, o que só é possível, num ambiente onde o profissional de enfermagem é não apenas o educador, mas o próprio educando enquanto educa (Oliveira, 1999).

Num processo de mudanças de atitudes em relação ao meio ambiente é imprescindível que os escolares possam agir voluntariamente, ou seja, tenham autonomia, que se constitui num dos princípios éticos, e está

presente no paradigma sanitário e no holístico-ecológico (Almeida, s/d, Mendes, 1994, Chioro & Scaff, 1996).

Para ser autônomo é necessário que os escolares, antes de mais nada, sejam responsáveis, livres e detenham conhecimentos para tomar decisões. Quando eles crêem que aos outros cabe a(s) ação(ões) para mudar a realidade vivida, não estariam exercendo sua autonomia, por um lado, e por outro lhes falta fundamentação, então neste momento fica claro para nós a forma como poderíamos estar atuando, junto a estes escolares, utilizando a Educação Ambiental para torná-los seres co-participes

Sabemos que conscientização e mudanças comportamentais se dão através de um processo que envolve não somente a questão ambiental. Ela é importante porque pode fornecer subsídios para se iniciar o processo de decisão e reflexão. No entanto questões mais fortes, estão enraizadas nos escolares, sejam os familiares e os da comunidade, como as culturais, sociais e econômica constituem-se em pilares sólidos. Como exemplo temos nas questões culturais as crenças, os valores, as idéias que foram sendo construídas historicamente. Ou seja, há muito desde seus ancestrais mais longínquos, e para serem modificados não basta apenas dizer, é preciso mudar de atitude, mas é necessário que sejam dados os primeiros passos nesta direção, em momentos reflexivos como dos resultados desta pesquisa.

Os escolares em seu cotidiano vão fortalecendo alguns pensamentos que, lentamente vão sendo modificados. Como dissemos trata-se de um processo lento e contínuo, e dele pode participar as enfermeiras atuando de uma forma concreta e eficaz, ou seja levando-os a questionar, fornecendo subsídios para refletirem sobre suas práticas para que haja mudança em sua qualidade de vida e conseqüentemente no seu processo saúde-doença.

Tem jeito de falar? Tem, mas não adiante! O prefeito fala mas não adianta não é? E o pessoal continua jogando. É, não tem vergonha se a pessoa tem vergonha os outros falam elas se tocam que estão poluindo e aí não jogam mais (Ronaldo).

Porém, diante disso tudo os escolares demonstraram, ainda, que o ambiente pode ser preservado, ainda que conduza a um mínimo de satisfação para que haja qualidade de vida digna, e que o processo saúde-doença pode ser trabalhado junto com a preservação do ambiente e priorizam a resolução de problemas.

Na minha rua não tem asfalto, mas isso não é tão importante assim, o que era preciso mesmo é a rede de esgoto" (Zetti)

Os escolares ao priorizarem que a rede de esgoto é mais importante que o asfalto, eles o fazem pautado no princípio da beneficência (Almeida, s/d). Ponderam sobre o que traria mais benefícios para o seu processo saúde-doença e de sua comunidade. Vêem que com a rede de esgoto não haveria água empossada nas ruas (impedindo a procriação de insetos transmissores de doenças como o mosquito que provoca a dengue); evitaria o transbordamento das fossas (minimizando o mau cheiro e contaminação do solo e das pessoas) e colaboraria para que as condições das ruas se tornassem transitáveis. Apesar dos benefícios oriundos do asfalto como o conforto com a melhoria do tráfego de veículo e a coleta de lixo, que poderia ser uma das outras etapas a serem realizadas; ou seja eles não abandonaram este ideal, apenas o postergaram, por estarem seguindo, mesmo que instintivamente e de forma não refletida, os princípios éticos.

Neste momento os escolares evidenciaram-se como seres éticos que pesa os prós e os contras, agindo de forma a atingir não apenas os seus próprios interesses, mas o coletivo e serem solidários para com o meio ambiente, numa atitude holística-ecológica (Boff, 1996).

Das ações e pensamentos, desses escolares vemos que, de certa forma, alguns princípios da Educação Ambiental já fazem parte do seu cotidiano; pois estão desenvolvendo habilidades e tendo uma prática com embasamento ético que conduzem à melhoria de suas vidas e conseqüentemente alterando o seu processo saúde-doença (Lima, 1984).

Para os educadores ambientais, há necessidade de se buscar um consenso mínimo sobre a Educação Ambiental, e o que ela vem a ser (Grün, 1996). Entretanto, acreditamos que esse processo reflexivo em que estamos, atualmente, inseridos, permite o amadurecimento de nossos pensamentos, para a partir daí edificarmos mais solidamente qualquer alternativa que venhamos assumir para o nosso processo de vida. Assim, podemos entender que a Educação Ambiental, pode ser um elemento do novo contexto paradigmático, que busca inserir na sociedade pensamentos de respeito ao meio ambiente, a fim de preservar o viver do homem de forma mais saudável.

Foi dessa forma que pudemos perceber que os escolares em estudo, junto aos familiares, têm consciência a respeito da preservação ambiental, esperando que cada um cumpra sua parte, inclusive as entidades governamentais não só através do processo político administrativo como também educacional. Para discutir essa compreensão buscamos o momento onde se pudesse perceber essa consciência.

3.4 Momento 4 – “Eles Têm Consciência⁹ da Relação Saúde-Doença e Ambiente”

Ao propor a compreensão do discurso e da prática de escolares de um bairro periférico, ingenuamente pensamos no fato desses sujeitos terem suas vidas geradas em plena realidade social degradada, baseada na era da urbanização acelerada, e isso, de alguma forma poderia ter influenciado suas práticas; estando estas restringidas apenas ao seu espaço (residência), não valorizavam o ambiente como um todo e, não sendo conscientes dessa degradação.

⁹ Tomamos o termo conscientização, na concepção de Fantin, onde conscientização é compreendida como processo de interiorização das práticas no seio das ações cotidianas. É um intenso movimento entre o fazer e o pensar que lhes possibilita síntese provisórias. Ganha uma configuração própria em cada sujeito de acordo com seus valores e princípios éticos e culturais. A partir das configurações se consolidam novas ações, que por si trazem a identificação dos problemas e o refazer das ações.

Mas diante dos resultados, ficou evidenciado através das falas e das práticas dos escolares que saúde-doença e ambiente se interagem, se relacionam ao processo de vida e à qualidade da mesma. Sua prática na preservação ambiental é de forma consciente, não só em seu espaço delimitado, residência, como também no comunitário, que se relaciona como sendo o mais abrangente - o bairro onde vivem/moram.

Em se tratando de práticas importantes para a manutenção de sua saúde, os escolares reconhecem e praticam as de saneamento básico originadas em seu habitat. Reconhecem que nem todos os moradores de seu bairro compartilham dessa prática, e responsabilizam os órgãos administrativos do Estado na resolução efetiva do problema em si, vendo como saída e educação.

*Tem que falar para o pessoal que não pode jogar lixo ali...
(Ronaldinho).*

O lixeiro passa lá na esquina ... porque não colocam o lixo lá? Esse pessoal é folgado mesmo ... (Ronaldo).

O prefeito fala, mas nem ninguém liga (Bebeto).

*Acho que o prefeito tinha que falar mais, ir lá e falar
(Ronaldo).*

Os moradores expressam o desejo de que todos possam compartilhar de suas idéias, de que se pode viver em ambiente mais equilibrado. Vendo isto, apelam para aqueles que supostamente têm nas mãos a possibilidade de realizar mudanças; fazer com que essas idéias cheguem até àqueles que não conseguem visualizar a importância de se manter um processo de vida saudável e um ambiente em equilíbrio.

Isso tudo está de acordo com os pensamentos do novo paradigma. São vinculados aos novos conceitos emitidos pelas disciplinas que regem a busca de qualidade no processo de viver e, conseqüentemente, para melhoria dos níveis de saúde, de acordo com os preceitos ambientalistas.

Saúde-doença e ambiente se interrelacionam com a qualidade de vida boa e com o processo de viver. E isto vem dar eco às afirmações de vários pensadores sobre o assunto (Sabroza et al, 1992, Capra, 1994) bem como se constitui num dos pilares do modelo sanitário e vai de encontro aos princípios do paradigma holístico-ecológico (Mendes, 1994, Boff, 1996, Chioro & Scaff, 1996) Foi o que retratou a fala dos escolares,

A natureza é bonita ... tem passarinho, árvores ... faz bem a saúde ... (Amanda).

Saúde é viver bem, é a natureza ... (Zetti).

Para os escolares o processo saúde-doença e ambiente está no mesmo patamar de importância da vida do ser humano. Ele é gerado pelo processo de vida, que é fruto do pensamento científico, que por sua vez é baseado nas leis e teorias que, até o momento, estão sendo direcionados pelo modelo mecanicista/cartesiano. Este tem norteado a pesquisa científica nesses últimos séculos, o que representou um avanço em relação aos sistemas anteriores, mas muito criticado atualmente, principalmente por considerar o ambiente natural como mera instrumentalização humana, o que leva os pensadores desse novo paradigma - o holístico - ecológico - a criticá-lo.

Vemos que, essas críticas, abrem espaços para se buscar novos conceitos, onde o ambiente possa a ser considerado de tão grande valor quanto o ser humano. Isto tem sido objeto de discussão no rol de muitas disciplinas como a sociologia, filosofia, e até mesmo na ciências tecnológicas, que buscam um viver de melhor qualidade e têm como ponto de apoio o elemento natureza, ou meio ambiente, colocando-o no mesmo nível de importância que o ser humano ou seja a relação, interação do homem com a natureza.

De acordo com o referencial, holístico-ecológico o processo saúde-doença está sempre acomodado ao estilo de vida, ao processo permanente de recriação, (Sabroza et al, 1992). Hoje buscamos um viver saudável, o que foi constatado também na realidade estudada, porque os escolares buscam

viver com mais qualidade, ao preocuparem-se com a preservação do ambiente. Isto está demonstrado no interesse em resolver os problemas encontrados no seu cotidiano, como a falta de regularidade na coleta de lixo, no alagamento dos terrenos e trasbordamentos das fossas, ocasionada pelas chuvas. As práticas demonstram que o ambiente é usufruto do seu viver, e procuram usá-lo de forma consciente.

No discurso dos escolares há maior ênfase quanto à preocupação com o lixo, o destino das águas servidas. Fato, também, constatado, durante as visitas domiciliares e ao bairro. O que chama nossa atenção é que o tempo todo os escolares relacionaram o processo saúde-doença com as condições do meio ambiente. Ainda que, eles sejam fruto do modelo cartesiano e não terem consciência plena, percebemos que já estão desenvolvendo, em suas práticas e discurso, as primeiras sementes do paradigma holístico-ecológico.

Estas são práticas mínimas que se espera daqueles que vivem na comunidade urbana. Assegurar um ambiente limpo, manter um ambiente adequado, ou seja contribuir para a manutenção da limpeza urbana, preservar o local onde moram, mantendo-o sem detritos que possam poluir ou prejudicar o meio onde estão inseridos, em outros termos cumprir com sua parte na preservação ambiental. Também é o que espera atingir a Educação Ambiental nesse ambiente imediato, sofrido e mal preservado. E para isto Lima (1984) enfatiza que:

(...) a Educação Ambiental exige uma postura crítica e um corpo de conhecimento produzido a partir de uma reflexão sobre a realidade vivenciada (...) materializa-se através de uma prática cujo objetivo maior é a promoção de um comportamento adequado à proteção ambiental ... (Lima, 1984, p. 45)

Desta maneira, os escolares do estudo estão dirigindo seu comportamento, mesmo que lentamente, em direção a isso. Criticam, praticam mas não podem revolucionar o mundo. Esse pequeno universo mostra que a Educação Ambiental pode ser o caminho, e nós da enfermagem temos a oportunidade e as ferramentas para ajudar as crianças

a se tornarem co-partícipes. Mediante a construção de conhecimentos próprios, como este estudo, que podem fornecer subsídios para discussão e reflexão acerca de sua prática e comportamento e, de certa maneira, colaborar para a preservação do meio ambiente e provocar impactô no seu processo saúde-doença e na construção de um mundo melhor.

Nesse processo de viver de acordo com o novo pensamento holístico-ecológico, o que se busca são as bases norteadoras. Nós nos encontramos num estágio, onde conhecemos os problemas e, muitas vezes, não nos deparamos com suas soluções. Estas necessitam das bases que ainda estão sendo construída por intermédio dos pensamentos emergentes, que ainda são redundantes.

No Seminário Internacional sobre Educação Ambiental ocorrido em 1975 em Belgrado, foi traçado os princípios que podem servir de base norteadora para os caminhos a serem percorridos na busca de solucionar os problemas. Neles estão propostos a atenção com o meio natural e artificial, e para isto devemos considerar os fatores que influenciam como os sócio - político - cultural - ecológico e estético (Lima 1984).

Na realidade os sujeitos que participaram do estudo, não são diferentes do contexto escolar geral, eles encontram-se sob forte domínio da era mecanicista, tanto na escola, que desenvolve seu currículo com uma estrutura conceptual assentada sobre bases cartesianas-newtonianas, quanto no ambiente comunitário vinculado ao processo de urbanização acelerada, que está voltado para interesses mercantilista.

Isso está retratado no seu comportamento perante a natureza enquanto obra de arte (*a natureza é bonita*) e, nas expressões de referencia à saúde-doença e ambiente deteriorado (*a doença vem da água parada, lixos tóxicos*). Realçam a importância do ambiente para o processo saúde-doença e a qualidade de vida; vêem que a doença, muitas vezes, está relacionada a não preservação do ambiente onde vivemos, e que este encontra-se parcialmente deteriorado pela ação do próprio homem.

A deterioração do meio ambiente, envolve o aspecto ético social. E o modelo capitalista tem imprimido ao meio ambiente, uma contribuição perniciosa, levando o homem a viver exclusivamente para o consumo de bens. Isso faz com que sejam reprimido valores que podem estimular o ser a ir em busca de sua "subjetividade", deixando realçar somente aqueles centrados no antropocêntrismo (Guattari 1991). Isso também é reforçado por Sabroza et al (1992).

(...) o que (...) está em crise é o código de valores, que até hoje regeu os modelos políticos e econômicos do desenvolvimento mundial. Os paradigmas que parecem imutáveis confrontam-se com os resultados, e o saldo não permite espaço para o orgulho dos habitantes do planeta terra (Sabroza et al, 1992, p. 32).

Por outro lado, os ambientalistas criticam a economia socialista, focalizando os péssimos resultados ambientais do modelo 'Stalinista' do socialismo real, condenando os marxista pelos seus valores "produtivistas" (Marques, 1991), ou seja os modelos de economia puramente de produção.

Não queremos aqui, colocar qual modelo político é o melhor ou o que mais contribuiu para a degradação ambiental, apenas citarmos esses autores por acreditar, assim como eles, que devemos procurar solucionar nosso problema, antes porém deve-se discutir, refletir para amadurecer e então buscar algo que contemple nosso interesse na melhoria de qualidade de vida, se possível de forma mais integral.

Assim, como Giddens (1996), visualizamos que a questão ambiental é algo que vai além daquelas que são essencialmente políticas, ela está inserida na relação de vida do homem; poderíamos dizer que é uma crise que transcende os ideais políticos e ou econômico.

Vemos que a tendência maior entre os ambientalistas é de apresentar a política ecológica como transcendendo a oposição "direita/esquerda", uma vez que ambas posições cultivam o crescimento industrial, a expansão dos meios de produção e a ética materialista para satisfazer necessidades pessoais, uns visando o lucro e outros um punhado de empregos a mais,

porém todos desconsiderando a problemática da destruição ambiental e das suas implicações para as gerações futuras (Marques, 1991).

Cremos assim como Giddens (1996) que as questões ambientalistas, fundamentadas no interesse humanista e universalista, está além da "forma", transcende para o "fundo" da questão; não importa se conduz ao desenvolvimento, mas, o que "ele" representa.

A deterioração do ambiente é apenas um meio para a reflexão daquilo que precisamos e queremos para nossa vida. É claro que a toxicidade dos detritos influi muito nas doenças fatais como as degenerativas ou, mesmo naquelas de características simples como algumas das parasitárias, porém, mais do que isso a questão do ambiente proporciona ao homem a busca de valores positivos que resultem em bem estar, melhorando a qualidade de sua vida à medida que se conscientize sobre a validade que o meio ambiente e os aspectos naturais trazem para o processo de viver.

Tem que melhorar... como fazer para melhorar eu não sei ... se fizesse aquilo que fizeram lá no campinho, quando foi para fazer o campinho, juntou um monte de moradores e aí nos domingos trabalhava lá ... é fazer um multirão (Ronaldo).

O simples fato deles irem buscar qualquer melhoria para si e para os que convivem no mesmo ambiente, mesmo que seja para o lazer, leva à compreensão que eles têm consciência do poder da união e da solidariedade na resolução de problemas que lhes dizem respeito. O ambiente comunitário como está não é bom, sob o ponto de vista desses escolares. Ele deve ser melhorado, mas como fazer isto, ainda parece-lhe distante, no entanto a luz que se vislumbra parece ser o comportamento coletivo da união e da solidariedade.

Da mesma forma, nós enfermeiras podemos utilizar esse pensamento para trabalhar a promoção de saúde, dentro da visão holística - ecológica. Trabalharmos a importância da preservação ambiental para o processo de vida; buscando os valores positivos do processo de vida, que se referem aos aspectos benevolentes para com o ambiente; a relação do homem com o

meio ambiente, e não os pensamentos de domínio sobre ele. São valores culturais, sentimentais, espirituais; em outros termos são aqueles que não estejam voltados exclusivamente para os sistemas de valores que propiciam a expansão ilimitada do consumo de material e, sim de valores que proporcionam um viver solidário e integral com o meio, que podem conduzir à qualidade de vida boa e à melhores níveis de saúde.

Para isto as enfermeiras necessitam, ao mesmo tempo, ampliar seus conhecimentos em relação ao paradigma holístico – ecológico e mergulhar na busca dos princípios éticos que venham a conduzir o ser humano a decidir e agir de forma mais consciente para consigo mesmo, com os outros, com o meio ambiente, enfim com o mundo. Devendo perseguir em última instância, o bom e o belo, que estão manifestados nas falas dos escolares deste estudo.

Assim sendo, entendemos que os escolares de certa forma, percebem o que desejam, caberia também nós enfermeiras no âmbito escolar ajudá-los a iniciar ou desencadear o processo reflexivo para compreenderem melhor seus discursos e práticas rumo à preservação ambiental e conseqüentemente interferirem no seu processo saúde–doença .

Para que nós enfermeiras possamos estar ajudando os escolares a mudarem sua práticas, lembramos que teríamos que levar em conta as afirmações de Ullmann (1991), de que mudar a cultura é um processo difícil, por envolver alteração de valores, crenças, atitudes, usos e costumes, mas poderia ser feito através da “substituição”. Nela haveria necessidade se destruir os fatores culturais, como: valores, crenças, atitudes, usos e costumes desses escolares para dar lugar ao novo, mas a dificuldade de mudança/transformação encontra-se no fato destes fatores estarem profundamente enraizados neles. Vemos em trabalhos de sensibilização, como este que desenvolvemos, a possibilidade de estarmos dando os primeiros suportes (a reflexão, a crítica e os questionamentos) para que essas crianças possam, mudando positivamente a cultura, contribuir para se conquistar a qualidade de vida pessoal, comunitária/social e planetária.

4 REFLEXÕES FINAIS

Partimos para esse estudo com o objetivo de buscar elementos que pudessem auxiliar na reflexão sobre as condições de vida das crianças, em atenção terciária, acerca do que ocorre no ambiente degradado pelo próprio homem, no caso o indivíduo que vive na zona urbana, em particular as crianças. Tendo como pressuposto central a relação saúde-doença e meio ambiente, como geradora de problemas principalmente infantil de ordem patológica.

Sempre voltados para a visão holística e ecológica de ver a vida, buscamos compreender o discurso e a prática de escolares na preservação de seu meio ambiente, não só para compreender esta visão de ambiente tão mal cuidado e degradado, mas também procurar novos caminhos para trabalhar a promoção de saúde nas comunidades.

Os Resultados, os Objetivos e as Questões Formuladas no Início do Estudo

Destacamos alguns achados deste estudo:

- 1) Os escolares possuem algumas práticas individuais que de alguma forma refletem o coletivo/social;
- 2) Os escolares vêem sua saúde ameaçada pelas práticas coletivas de agressão ao meio ambiente.
- 3) As práticas de cunho coletivo, ou seja aquelas em que todos da comunidade se beneficiam estão direcionadas apenas, para o lazer;
- 4) Os escolares percebem o meio degradado;

5) Que os sujeitos ao usufruir o ambiente depredam-no e atribuem aos outros a iniciativa de resolver esses problemas;

6) Os escolares apontam que as formas políticas/institucionais e educativas poderiam resolver estes problemas, mais ainda não praticam efetivamente;

7) Os escolares vêem que a união e solidariedade da comunidade, poderiam ajudar na solução de problemas sociais/coletivos.

8) As crianças desenvolvem em suas práticas e têm presente em seus diálogos princípios e características dos paradigmas sanitário e o holístico-ecológico; embora muito do que ainda continuam fazendo e falando, está pautado no modelo neoliberal com visão amplamente mecanicista.

Analisando-os e relacionando-os com os objetivos de nosso estudo sentimos, neste momento, a necessidade de retomarmos as questões formuladas no início do nosso estudo, para analisarmos se elas foram respondidas:

Quais as práticas de conservação do ambiente que são reconhecidas pelas crianças do bairros periféricos, como importantes para a manutenção de sua saúde? Como elas participam dessas práticas? Que fatores estariam agindo para que as crianças sintam-se ou não, ajam ou não, de modo responsável pela conservação da natureza? Em relação à primeira questão, os dados revelam que o cuidado e o destino adequado do lixo e o destino de águas servidas são as duas grandes práticas relacionadas à manutenção da saúde; no entanto estabelecem a relação saúde-doença com outros fatores ambientais como a poluição do córrego, a poluição do ar ambiente por fumaça e putrefação de animais mortos.

Na segunda questão, os escolares realizam suas práticas no âmbito residencial/privado, como as citadas anteriormente e outras como enterrar animais mortos em terrenos baldios, já no âmbito coletivo, pensando não somente no seu benefício, mas de sua comunidade.

Em relação à última questão, sobre os fatores que estariam agindo para que os escolares ajam ou não de modo responsável em relação à preservação da natureza, os dados não mostram de forma clara e nem conclusiva. No entanto as atitudes do indivíduo estão pautadas numa série de normas, usos, costumes e tradição que o moldam e o faz agir de tal maneira e não de forma diferente. Ou seja ele é fruto da cultura que foi construída num processo histórico.

Nos reportamos, também, aos objetivos para verificar se os mesmos foram alcançados: *identificar as percepções dos escolares acerca da importância da preservação ambiental para sua vida e saúde; apreender a coerência entre o discurso e a prática de escolares frente à preservação ambiental; e apontar prováveis fatores que interferem em seus conhecimentos e práticas.*

Analisando os resultados e relacionando-os com os objetivos de nosso estudo podemos dizer que, em relação ao primeiro objetivo, os escolares estabelecem, com clareza, a relação entre saúde-doença e ambiente, suas falas mostram com detalhes várias situações de risco à saúde, tanto aquelas provenientes do lixo, como da queimada, do córrego contaminado e as poças d'água que favorecem o aparecimento da dengue.

Quanto ao segundo objetivo, do ponto de vista das práticas individuais, no âmbito privado/domicílio, em geral, eles praticam o que falam, ou seja há coerência entre discurso e prática. A prática fica, parcialmente, descolada do discurso quando são coletivas, ou seja na esfera pública; eles atribuem aos outros o dever de praticar a preservação.

Em relação ao último objetivo, não ficaram evidentes os fatores que poderiam estar influenciando ou interferindo nos conhecimentos e práticas dos escolares; de certa forma os argumentos empregados para responder e/ou explicar a terceira questão estariam contemplando este objetivo. É importante ressaltarmos que geralmente "a criança age como os adultos mais próximos" o que justifica os valores culturais de cada grupo social.

As Repercussões da Educação Ambiental

Preparo de Enfermeiras

Diante dos resultados, considerando-se o referencial holístico-ecológico e, ainda alguns pressupostos da Reforma Sanitária, urge que na formação de enfermeiras sejam inserido, na grade curricular, o preparo em Educação Ambiental. Possibilitando a inserção das profissionais nesta área de conhecimento afim de garantir a assistência escolar de forma mais integral, ou seja promovendo a saúde do indivíduo através de seu ambiente, levando-o a considerar o ambiente como seu, tornando-o um ser no mundo e do mundo. O que poderia contribuir para a melhoria do processo saúde-doença.

Faz-se necessário, ainda, oferecer de forma regular e em eventos, como congressos, cursos sobre Educação Ambiental, sempre estabelecendo a relação com o processo saúde-doença e nossa, responsabilidade e atuação como enfermeiras.

Inserção da Educação Ambiental nas Escolas de 1º e 2º graus

Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de que sejam inseridos nos currículos de 1º e 2º graus a Educação Ambiental. Há necessidade de se modernizar os currículos, ampliando a disciplina denominada atualmente de saneamento ambiental, que tem ficado muito restrito às condições ambientais.

É necessário refletir de forma ampliada, com alunos e professores, as questões por nós detectadas afim de trabalhar a conscientização e a importância de ser co-partícipe e co-responsável pelo meio ambiente e pelo seu processo saúde-doença. A criança pode vir a ser agente transformador, quando se torna crítica, reflexiva e questionadora.

A Educação Ambiental pode ser inserida na forma de disciplina ou como objetivo ou lema comum a todos dentro da escola, assim todas as disciplinas estariam discutindo as questões ambientais e sua relação com o processo saúde-doença.

Na saúde da comunidade

A Educação Ambiental poderia ser amplamente divulgada e discutida junto a grupos da comunidade, em especial os relacionados à saúde; neles poderiam ser buscados, juntos aos participantes dos grupos, que problemas estariam relacionados aos seus processos saúde-doença e como, coletiva e individualmente, poderiam participar num esforço de se buscar melhores condições para ampliar a qualidade de vida.

Dessa forma a educação ambiental poderia ser empregada e assumida como uma práxis coletiva. Sabemos que é um processo lento, no entanto, como enfermeiras e conhecedora da problemática ambiental e sua relação com saúde-doença, não podemos conceber passivamente a realidade da assistência terciária onde o grande número de vítimas atendidas são provenientes do ambiente degradado.

A Educação Ambiental tem Significado para as Crianças que estão Sensibilizadas

Estarmos junto aos escolares, foi uma experiência extremamente prazerosa. Pudemos desenvolver atividades lúdicas de aproximação, diálogo franco, que nos permitiu averiguar quão ricas podem ser as relações numa pesquisa; quer do ponto de vista das emoções e afetividade, quer pela riqueza de conhecimento e interesse que desperta.

Nessas crianças, inicialmente tímidas, deixadas à vontade para se manifestarem, percebemos que elas estavam altamente motivadas e sensibilizadas para as questões do meio em que vivem, tanto aquele que lhe é mais próximo, no domicílio, como o mais amplo como a natureza que lhes parece bela, embora distante.

Meio Ambiente

A educação ambiental pode ser uma grande aliada na defesa do meio ambiente, bem como minimizar os agravos que tem provocado o seu deterioramento. Vemos que questões maiores, como as sócio-político-econômicas, são difíceis de serem alteradas em nome da bandeira de um planeta mais saudável; no entanto as crianças de hoje sendo críticas, reflexivas e questionadoras, poderão provocar, ao longo do tempo, mudanças. Ainda que, aparentemente pequenas, constituir-se-ão em alavancas rumo ao desenvolvimento auto-sustentável.

Limitações do Estudo

Sabemos que os resultados do estudo refletem apenas o trabalho realizado junto a 7 escolares e seus familiares. É necessário ampliar, reaplicando o estudo junto a escolares de outras séries; identificando outros fatores que colaboram para a degradação do meio; investigando que fatores estariam influenciando as crianças para que elas sintam-se ou não; ajam ou não, de modo responsável pela conservação da natureza; construindo estratégias de abordagem para trabalhar as questões do ambiente, co-participação e co-responsabilidade, entre outros.

Diante do dilema em que o homem se encontra, ou seja inserido ainda no modelo cartesiano mas vislumbrando o horizonte holístico-ecológico, pode-se ensaiar que a Educação Ambiental, quando direcionada para as questões de valores torna-se uma possibilidade para se trabalhar a promoção de saúde.

Com esse estudo, não se pode dizer que o caminho eficaz foi encontrado, mas não impede de considerar que ele pode contribuir, na ampliação do campo de ação da enfermagem, ao abrir um espaço onde as enfermeiras possam refletir e trabalhar a temática - relação ambiente e

processo saúde-doença na promoção à saúde. Assim sendo estaria inserindo-se neste campo de ação do novo modelo paradigmático e na consolidação dos princípios da Educação Ambiental, participando, também, na construção da vida planetária de melhor qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO MUNDIAL. **La situação social da américa latina.** s/l, 1991.

BARBOSA, M. A. A influência dos paradigmas cartesiano e emergente na abordagem do processo saúde-doença. São Paulo: **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 29, n. 2, p.133-40, ago, 1995.

BARROS, W. de O. **Ecologia e saúde mental: um dilema contemporâneo para a prática do enfermeiro.** Rio Janeiro, 1993. 112 p. Dissertação Mestrado, Universidade do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres.** São Paulo: Ática, 1996.

BOGDAN, R.C; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto, 1994.

BONOW, I. W. et al. **Psicologia educacional e desenvolvimento humano.** São Paulo: Nacional, 1972.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de referência para o controle social. Manual do conselheiro.** Brasília, 1995. p. 53-74.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1974.

CEPAL.. **El desarrollo sustentable: transformacion producción productiva, equidad y medio ambiente.** Doc LC/G 1991.

CHIORO, A.; SCAFF, A. **A implantação do sistema único de saúde.** Santos: Faculdade de Ciências Médicas de Santos, s/d.

CROSS, J. R. Betty Neuman. In GEORGE, J. B. **Teorias de enfermagem.** Cap. 16, p. 227-41. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ECOSSISTEMA, cadeia alimentar, preservação das florestas. Vídeo ciências, (filme-vídeo) enciclopédia Britânica do Brasil, 1983. 1 cassete VHS 30 min. Color som.

FALCO, S. M.; LOBO, M. L. Martha Rogers. In **GEORGE, J. B. Teorias de enfermagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, cap. 14, 190-205, 1993.

FANTIN, M. Construindo cidadania e dignidade. Florianópolis: Insular, 1997.

FERNADES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, F. M. Dicionário brasileiro globo. 16 ed. São Paulo: Globo, 1990.

FERREIRA, A B. H. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FREIRE, P. Conscientização, teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

GEORGE, J. B. Madeleine Leininger. Teorias de enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas, cap. 20, 286-99, 1993.

GIDDENS A. Para além da esquerda e da direita. São Paulo: Editora. Universidade Estadual Paulista, 1996.

GRÜN, M. Ética e educação ambiental – a conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996.

GUATTARI, F. As três ecologias. Campinas: Papyrus, 1991.

GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. Campinas: Papyrus, 1995.

JAPIASSÚ, H. MARCONDES, A. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAGO, P. F. A consciência ecológica: a luta pelo futuro. Florianópolis: Editora. da UFSC, 1991.

LARAIA, R. de B. Cultura um conceito antropológico. 11 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LIMA, M. J. A. Ecologia humana. Petrópolis: Vozes, 1984.

LOVELOWCK, J. E. **As eras de Gaia. A biografia de nossa terra viva.** São Paulo: Campus, 1991.

MARQUES, M. B. **Ciência, tecnologia, saúde e desenvolvimento sustentado.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1991.

MENDES, E. V. (org.) **Distrito sanitário, o processo social de mudança das práticas sanitárias do sistema único de saúde.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento. pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MORIN, E. **A decadência do futuro e a construção do presente.** Florianópolis: EdUFSC, 1993.

NIGHTINGALE, F. **Notas sobre enfermagem.** São Paulo: Cortez, 1989.

OLIVEIRA, M. G. **Enfermagem escolar: a educação ambiental na promoção de saúde.** Cuiabá, 1997. (mimeo)

OLIVEIRA, N. L de. **Prática de saúde compartilhada: estratégia para o exercício da cidadania.** Cuiabá - MT, 1999. 120 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina.

PATRÍCIO, Z. M. **Ser saudável na felicidade-prazer: uma abordagem ética e estética do cuidado holístico-ecológico.** Florianópolis: Editora UFPel, 1996.

PETERS, F. E. **Termos filosóficos gregos: um léxico histórico.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

RODRIGUES, H. et al. **A ética do desenvolvimento e as relações com saúde e meio ambiente** In LEAL et al. **Saúde, ambiente e desenvolvimento: Uma análise interdisciplinar.** São Paulo, Rio Janeiro: Hucitec-ABRASCO, 1992.

SABROZA, P. C., LEAL, M. do C. **Saúde, Ambiente e Desenvolvimento alguns conceitos fundamentais,** In: LEAL, M. do C., SABROZA, P. C., RODRIGUES, R. H., BUSS, P. M. (organizadores.) **Saúde, ambiente e desenvolvimento – uma análise interdisciplinar.** São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec – ABRASCO, 1992.

SANTOS, J.L. dos. **O que é cultura.** 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SATO, M. **Educação para o ambiente amazônico.** 1997, 227 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos.

SILVA, A L. **Cuidado transdimensional: um paradigma emergente.** Pelotas: Editora Universitária, 1997.

TESOURO perdido. **Veja.** v. 31, n. 40, p. 87, 7 de outubro, 1998.

ULLMANN, R. A. **Antropologia: o homem e a cultura.** Petrópolis: Vozes, 1991.

VARELLA, F. Inferno na terra. **Veja,** v. 31, n. 40, p. 83, 7 de outubro 1998.

VAZQUEZ, A. S. **Ética.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

VIEIRA, P. F.; MAIMON, D. (organizadores). **As ciências sociais e a questão ambiental: Rumo à interdisciplinaridade.** Belém: APED e UFPa, 1993.

ANEXOS

- I** **Autorização**
- II** **Desenhos produzidos na oficina saúde-doença e ambiente**
- III** **Roteiro para visita domiciliar**

ANEXO I

AUTORIZAÇÃO

Eu,, autorizo o menor
..... matriculado na Escola Estadual de 1º Grau
Djalma Ferreira de Souza a participar do projeto de pesquisa que ocorrerá no período de
abril a junho de 1998, sob a coordenação da Professora Marlene Gonçalves de Oliveira,
da Universidade Federal de Mato Grosso intitulado: O discurso e a prática de escolares
na preservação ambiental e sua relação com saúde-doença e ambiente.

Cuiabá,, 1998.

.....
pai/mãe/responsável.

ANEXO II

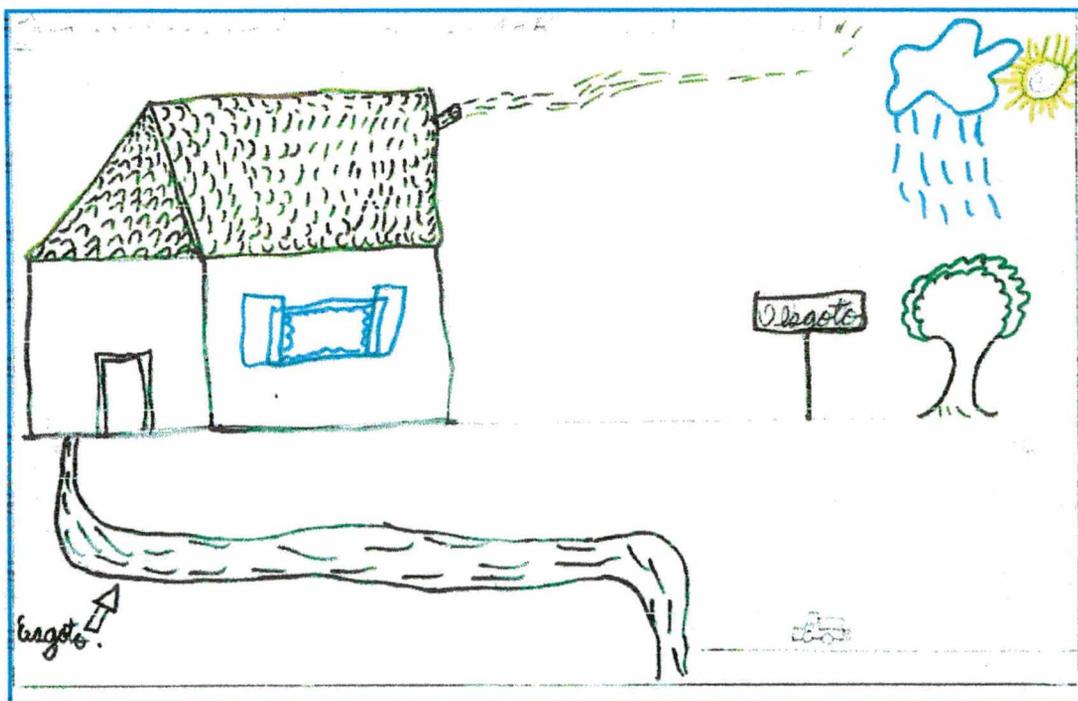
ANEXO II (A)



ANEXO II (B)



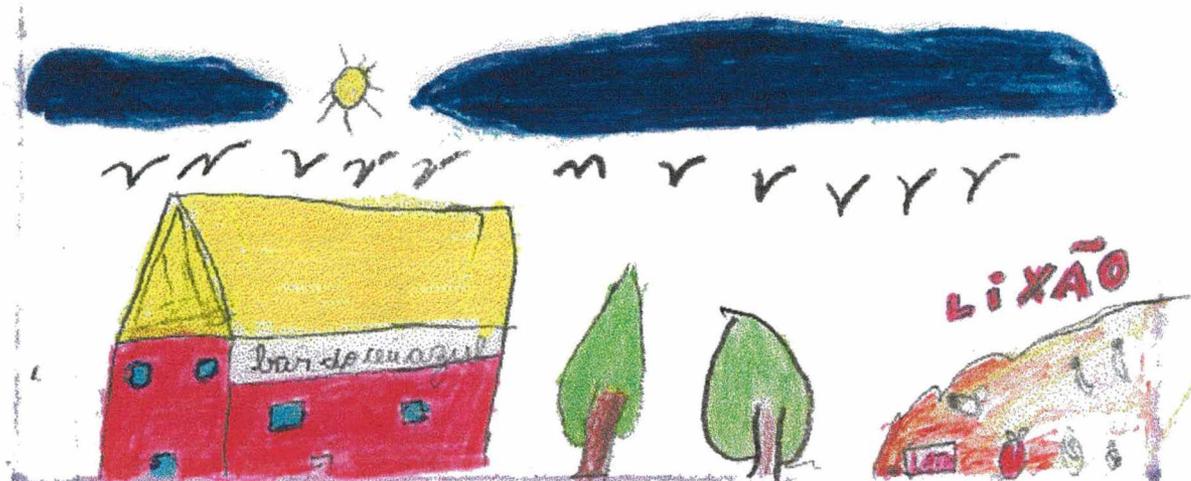
ANEXO II (C)



ANEXO II (D)



ANEXO II (E)



ANEXO II (F)



ANEXO III

ROTEIRO: VISITA DOMICILIAR

1 Dados Pessoais:

Nome:

End.....

Filiação: Pai:

Mãe

Data de Nascimento:/...../

2.Situação habitacional :

Tipo de moradia Familiar ()

Coletiva ()

Quantas pessoas moram na casa: adultos ()

Crianças ()

Água da rede pública? Sim () Não ()

Esgoto sim () Não ()

Lixo sim () Não ()

Acha que no bairro há problemas que precisam ser solucionados? Quais?